

LUIZ VITÓRIO CICHOSKI

OS QUATRO ELEMENTOS:



NA NATUREZA E NA
MAÇONARIA



CONHEÇA OS LIVROS DO ESCRITOR
LUIZ V. CICHOSKI

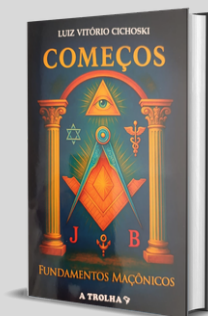


www.maconariacomexcelencia.com/luiz-cichoski



FUNDAMENTOS DO RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO

SAIBA MAIS



COMEÇOS: FUNDAMENTOS MAÇÔNICOS

SAIBA MAIS



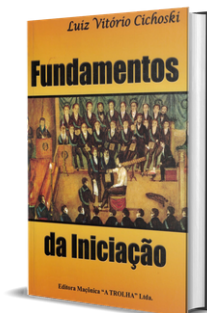
FUNDAMENTOS BÍBLICOS NA MAÇONARIA

SAIBA MAIS



FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA MAÇÔNICA VOL. 1 E 2

SAIBA MAIS



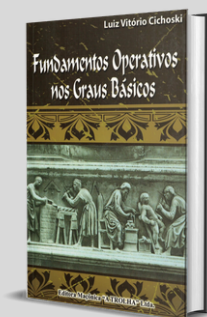
FUNDAMENTOS DA INICIAÇÃO

SAIBA MAIS



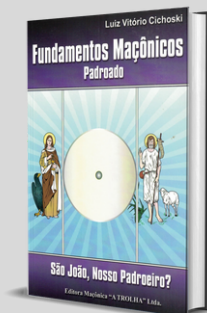
SÍNTESE HISTÓRICA DA RITUALÍSTICA DO REAA

SAIBA MAIS



FUNDAMENTOS OPERATIVOS NOS GRAUS BÁSICOS

SAIBA MAIS



FUNDAMENTOS MAÇÔNICOS - PADROADO

SAIBA MAIS



FUNDAMENTOS DA RITUALÍSTICA MAÇÔNICA

SAIBA MAIS



FUNDAMENTOS DO SIMBOLISMO – VOL. 1

SAIBA MAIS



FUNDAMENTOS DO SIMBOLISMO – VOL. 2

SAIBA MAIS



FUNDAMENTOS MAÇÔNICOS: OLD CHARGES

SAIBA MAIS



FUNDAMENTOS MAÇÔNICOS: OS TEMPLÁRIOS

SAIBA MAIS

LUIZ V. CICHOSKI

**OS QUATRO
ELEMENTOS:**
NA NATUREZA E NA MAÇONARIA

OS QUATRO ELEMENTOS: NA NATUREZA E NA MAÇONARIA

© 2026 by Luiz V. Cichoski

Todos os direitos reservados.

Diagramação:

Maçonaria com Excelência

Ilustrações de capas:

Maçonaria com Excelência

Cichoski, Luiz V.

Os Quatro Elementos: Na Natureza e na
Maçonaria. 1ª edição. Porto Velho, RO: Maçonaria
com Excelência, 2026.

1. Maçonaria - Simbolismo. 2. Filosofia -
Quatro Elementos. 3. Ciência e Religião. 4. História
da Maçonaria.

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde
que citada a fonte. É permitido baixar e compartilhar. É
proibida a comercialização desta obra sem a autorização
do detentor dos direitos autorais.

APRESENTAÇÃO

OS QUATRO ELEMENTOS: NA NATUREZA E NA MAÇONARIA, explora a profunda conexão entre a filosofia clássica, a ciência moderna e o simbolismo maçônico.

A obra detalha como os conceitos ancestrais de terra, ar, água e fogo evoluíram de princípios físicos da Grécia Antiga para elementos centrais nos rituais de iniciação e aperfeiçoamento moral.

Através de uma análise multidisciplinar, o livro correlaciona a composição química do corpo humano e do universo com as provas simbólicas enfrentadas pelos iniciados na Maçonaria. A narrativa destaca a transição da Maçonaria Operativa para a Especulativa, ressaltando a busca constante pela quintessência e pelo autoconhecimento.

OS QUATRO ELEMENTOS: NA NATUREZA E NA MAÇONARIA, busca validar as tradições ritualísticas à luz do conhecimento contemporâneo, reforçando a importância da razão e da espiritualidade na construção de uma sociedade melhor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1: OS QUATRO ELEMENTOS.....	16
CAPÍTULO 2: A TERRA	58
DO PÓ E AO PÓ: POEIRA DE ESTRELAS	58
INTRODUÇÃO.....	58
CONSIDERAÇÕES GERAIS	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
CAPÍTULO 3: AR	76
INTRODUÇÃO.....	76
BÍBLIA	80
PNEUMA.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
CAPÍTULO 4: ÁGUA.....	88
A NATUREZA COMO PRIMEIRO MAÇOM OPERATIVO	88
INTRODUÇÃO.....	88
CONSIDERAÇÕES COMPARATIVAS	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99

CONSIDERAÇÕES GERAIS:	103
CAPÍTULO 5: FOGO.....	105
FOGO/CALOR E A MAÇONARIA.....	105
INTRODUÇÃO CONCEITUAL	105
O FOGO E A MAÇONARIA.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	120
SOBRE O AUTOR.....	129

INTRODUÇÃO

O conceito dos Quatro Elementos se desenvolveu na Grécia pré-socrática a partir do pensamento e argumentação de:

- a) Tales de Mileto (624/546 a.C.) elegendo a Água como elemento fundante do mundo sublunar e das coisas.
- b) Anaxímenes (588/524 a.C.) apontou o Ar como ponto de partida da composição dos objetos.
- c) Xenófanes de Colofon (570/478 a.C.), argumentou ser a Terra o elemento básico de tudo.
- d) Heráclito (500/450 a.C.) viu no Fogo a essência com poder formador.
- e) Empédocles (494/434 a.C.), entendeu os quatros elementos associados.
- f) Demócrito (460/370 a.C.), descreveu a redução a porção básica, o átomo.

- g) Aristóteles (384/322 a.C.), compartilhou da ideia pluralista de Empédocles, adicionando as qualidades: quente e seco; quente e úmido; frio e úmido; frio e seco.

A força impulsionadora do conhecimento sempre esteve presente, seja pelo menor contingente de pensantes, seja pelas dificuldades de cada época, foi necessário algum tempo — algo como 1800 anos — para que o conceito dos quatro elementos ganhassem novos contornos.

A navegação do conhecimento deixou os contornos simpáticos e simples do período pré-socrático para um novo vislumbamento, a busca pelo elemento transformador — a Pedra Filosofal —; mas a estrutura das unidades da matéria somente se renderia a uma força diferente e maior.

A Baixa Idade Média ouvia Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim (1493/1541), não apenas em seu cartório natural onde atestava uma ‘signatura’, mas também seu vislumbre da presença de corpúsculo na intimidade de elementos muito em voga: Mercúrio, Enxofre e o Sal.

A Alquimia alcançou seu momento ápice.

A Idade Moderna (1453/1789) plena trouxe um modo próprio de pensar e pesquisar, na temática dos elementos precisamos lembrar de:

- Robert Boyle (1627/1691) descreveu o ‘elemento’ como os corpos sem mistura¹.
- Henry Cavendish (1731/1810), revelou o Hidrogênio em 1766.
- Daniel Rutherford (1749/1819), isolou o Nitrogênio em 1772.
- Joseph Priestley (1733/1804), apresentou o Oxigênio em 1774; o nome foi dado por Lavoisier.
- Antoine Lavoisier (1743/1794), elaborou uma lista de 33 elementos² em 1789; apesar da Revolução Francesa,

¹ A argumentação presente no *The Sceptical Chymist*, 1661 dizia: “Elementos são certos corpos primitivos e Simples, sem nenhuma mistura, não feitos de nenhum outro corpo, nem uns dos outros”; BRUNNING, A.; et al. O Livro da Química. São Paulo: Globo Livros, 2022.

² Alguns dos elementos organizados por A. Lavoisier foram: Hidrogênio, Carbono, Nitrogênio, Oxigênio, Fósforo, Enxofre, Manganês, Ferro, Cobalto, Níquel, Cobre, Zinco, Molibdênio, Estanho, Tungstênio, Platina, Ouro, Mercúrio, Chumbo.

muito se pensou em se entendeu do mundo que nos cerca ainda hoje.

- Dmitri Mendeliev (1834/1907), elaboração da tabela periódica por volta de 1869.

Uma viagem magnífica foi encetada da Filosofia ‘concreta e multimodal’ da Grécia de Tales de Mileto, passando imagens nas cavernas, pela Alquimia com suas Pedras e Elixires mágicos para uma dimensão conceitual e experimental onde até o ‘elemento puro’ tem se mostrado povoado de, por vezes, estranhos conceitos!

CAPÍTULO 1: OS QUATRO ELEMENTOS

A Maçonaria é herdeira do conhecimento passado intimamente ligado aos eventos Iniciáticos. Esta herança exige um cuidado e entendimento sem, contudo, evitar a atualização do saber ocorrida ao longo do tempo envolvido.

A Iniciação Maçônica escocesa guarda esta essência em suas ‘viagens’³ onde nos deparamos com os quatro elementos descritos pelos pré-socráticos.

As Viagens – outro exemplo de marcha. As viagens confundem-se com as provas, elemento desenvolvido a partir da metade do século XVIII. Quando tentamos vislumbrar o passado remoto vamos nos deparar, segundo o relato de antigos pensadores e cronistas, com a existência de rituais para, praticamente, todas as ocasiões. Nada se fazia sem a invocação

³ CICHOSKI, L. V. Fundamentos da Ritualística Maçônica. Curitiba: A Trolha, 2017.

dos deuses familiares: não se acordava sem uma prece, não se tomava refeição sem uma prece, não se saía ou entrava em casa sem uma prece, nada se vendia ou comprava sem uma prece, ou seja, todas as ações, das mais simples às de maior significância eram regidas por ritos onde as palavras, os ritmos, os gestos deviam ser, rigorosamente, seguidos, sem que fosse permitida a menor alteração ou desvio. A presença da religião era constante e fixa dentro da cada família, depois, dentro da comunidade, da cidade, do estado e da nação.

As provas faziam parte das atividades iniciáticas; é possível lembrar dos clássicos antigos, onde se pode “julgar como eram os obstáculos a serem vencidos em uma iniciação pelo belo quadro do livro VI da Eneida⁴, onde Virgílio conduz o seu herói pelo inferno⁵”.

Outro texto lembrado é o *Asno de Ouro*, de Apuleio^{6,7},

⁴ VIRGÍLIO, Eneida. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.

⁵ Texto Original: “Nous pouvons juger de ce qu’étaient les obstacles à vaincre dans l’initiation par le beau tableau du VI^e livre de l’Enéide, où Virgile conduit son héros dans les enfers.”

⁶ APULEIO. O Burro de Ouro. Lisboa: Estampa, 1978.

⁷ Os textos citados e alguns comentários sobre os mesmos podem ser encontrados em CICHOSKI, L. V. Fundamentos da Simbologia Maçônica. Curitiba: A Trolha, 2016.

bem como as viagens de Sethos e Pitágoras “obras repletas de erudição e de curiosas pesquisas sobre os costumes da antiguidade, onde encontramos relatos que parecem muito exatos, dos trabalhos aos quais eram submetidos os pretendentes a iniciação. Eles eram tão intensos e as provas tão terríveis que, diz-se, Orfeu teria sucumbido...⁸”.

Maçonicamente, as viagens guardam uma relação notória com os quatro elementos (ditos perecíveis, inferiores e corruptíveis). A meta é alcançar o elemento perfeito, o incorruptível, isto é, o quinto elemento, a quintessência. Vencer ou superar as provas é como alcançar tão fabuloso troféu; é demonstrar capacidade e merecimento desta honra que acaba sendo representada no ingresso ao grupo dos seletos neófitos participantes da associação ou fraternidade.

Mas esta referência seria suficiente como substrato destas viagens-provas⁹? Ora, se os gregos desenvolveram a

⁸ Texto Original: “...ouvrages remplis d’érudition et de recherches curieuses sur les mœurs de l’antiquité, on y trouve, dissons-nous, des récits qui paraissent fort exacts, des travaux auxquels on soumettait ceux qui prétendaient à l’initiation. Ils étaient si grands, et les épreuves si terribles, qu’ils est dit qu’Orphée y succomba.”

⁹ PERROY, E. A Idade Média. Vol. 2, 3ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965. “discute-se, solicita-se com frequência o juízo de

conceituação dos elementos primordiais tiveram alguma base anterior, portanto, precisamos procurar, para além dos gregos, referências a estes elementos.

Podemos nos questionar: de que forma os nossos ancestrais consideravam, viam e entendiam estes elementos? Algumas diferentes referências podem ser utilizadas para esta resposta.

- a) *Terra*: a principal explicação dada para a prova da terra diz respeito ao morrer para uma nova vida. Esta ideia da vida continuada na morte tem uma raiz muito antiga, prende-se aos costumes arianos da manutenção ritualística do ‘fogo familiar’ e do ‘túmulo familiar’. Como se lê ambos os elementos são de uma família, ou seja, cada família deve prestar o seu culto – a sua oração ou prece, a sua ritualística, as suas oferendas – aos seus antepassados sepultados todos no mesmo lugar, “que ficavam nos próprios domínios da família, no centro da habitação, não longe da porta para que, no dizer de um

Deus, quer opondo num duelo probatório os campeões das duas partes, quer submetendo o acusado às provas rituais da água e do fogo”.

antigo [posteriormente foram alocados em área reservada, constituindo uma segunda morada da família], ‘os filhos, ao entrarem ou saírem de casa, encontrassem sempre os pais, e a cada vez que lhe dirigissem uma invocação’; e assim, o antepassado permanecia entre os seus; invisível mas sempre presente, continuava fazendo parte e sendo o pai da família. Imortal, feliz, divino, interessava-se pelo que deixara de mortal sobre a terra; conhecia as necessidades, amparava os seus nas fraquezas.”¹⁰

Nas cerimônias de fundação de Roma (756 a.C.) várias cerimônias simbólicas foram realizadas para obter a proteção dos deuses. A cerimônia da Terra seguia o ritual da purificação pelo fogo descrito abaixo. Neste cerimonial era cavado um poço no qual todos os participantes, começando por Rômulo, deveriam jogar um punhado de terra trazido da terra natal. Com este gesto querem trazer para a nova morada a alma dos

¹⁰ COULANGES, F. de. *A Cidade Antiga*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

ancestrais cultivada nos túmulos familiares dos lares de origem. Desta forma não abandonavam os ancestrais, portanto, a nova terra se transformava na *terra patrum*, na pátria, cujo significado primitivo era ‘a terra dos pais’¹¹. Observar que o poço cavado e que recebia a terra trazida era denominado de *mundus*, designando a região dos *manes* ou deuses familiares. Assim como os antigos arianos esperavam sepultar as almas dos ancestrais no túmulo familiar representado na terra trazida, igualmente, na cerimônia da Iniciação, durante a passagem pela Câmara de Reflexão a Maçonaria espera que o profano sepulte sua antiga alma e renasça como um novo homem, o homem maçom.

- b) *Ar* – A prova do ar tem sua relação com a vida. Biblicamente¹² sabemos que o “Espírito do Senhor” é, repetidamente, ilustrado pelo ar e pelo sopro:

“E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente”. (Gn, ,7)¹³

¹¹ COULANGES, F. de. A Cidade Antiga. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

¹² BÍBLIA Sagrada. Tradução dos Monges de Maredsous. 37ª Edição. São Paulo: Ave Maria, 1982.

¹³ Como curiosidade observamos que o primeiro ato foi a criação da terra (prova da Terra) e como segundo ato a criação da vida (prova do Ar).

“Lembra-te de que a minha vida é um sopro; os meus olhos não tornarão a ver o bem”. (Jo, 7, 7)

“Há, porém, um espírito no homem, e o sopro do Todo-Poderoso o faz entendido”. (Jo, 32, 8)

“O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida”. (Jo, 33, 4)

“Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo sopro da sua boca”. (Sl, 33, 6)

Ainda dentro da temática da Prova do Ar, e ainda dentro do contexto bíblico as cerimônias de sacrifícios e holocaustos, contidas no livro do Levítico¹⁴ também podem ser citadas.

A Bíblia narra as formas de agradecimento e expiação com uso do sacrifício de animais e oferendas vegetais ou o próprio incenso. Destas cerimônias o desprendimento das fumaças e fumos aromatizados seriam do agrado de Deus.

A cerimônia passava pela escolha da oferenda:

“Se a sua oferta for holocausto de gado vacum, oferecerá ele um macho sem defeito; à porta da tenda da revelação o oferecerá, para que ache favor perante o Senhor.” (Lv, 1, 3)

¹⁴ BÍBLIA Sagrada. Tradução dos Monges de Maredsous. 37ª edição. São Paulo: Ave Maria, 1982.

Após a escolha, seria necessário referendá-la, isto é, associar a oferta ao ofertante através do toque:

“Porá a sua mão sobre a cabeça do holocausto, e este será aceito a favor dele, para a sua expiação.” (Lv, 1,4)

Então procedia-se ao holocausto propriamente dito, seguindo regras específicas em relação as partes do animal sacrificado:

“Depois imolará o novilho perante o Senhor; e os filhos de Arão, os sacerdotes, oferecerão o sangue, e espargirão o sangue em redor sobre o altar que está à porta da tenda da revelação.” (Lv, 1,5)

A relação com a Prova do Ar prende-se ao odor produzido pelo holocausto:

“Holocausto é, oferta queimada, de cheiro suave ao Senhor.” (Lv, 1,9)

Neste contexto bíblico e do ‘Espírito Criador’, gostaria de expor uma reflexão a respeito da concepção maçônica presente no Preâmbulo da Constituição do Grande Oriente de Santa Catarina, que assegura a “*prevalência do espírito sobre*

a matéria”.

Historicamente, parece não haver dúvidas sobre o fato de a Maçonaria Especulativa que cultivamos, haver se desenvolvido da Maçonaria Operativa¹⁵. Também sabendo que a Maçonaria Operativa é medieval, perguntamos: qual a relação existente entre a Maçonaria Operativa Medieval e a Igreja? De qual Igreja podemos falar no período Medieval?

Como resposta somente poderemos indicar a Igreja Católica Romana. Historicamente, no final da Idade Antiga dão-se os acontecimentos que aproximaram a Igreja Católica do Poder Estatal, inicialmente do Império Romano do Oriente, representados pelo Édito de Milão, em 312, que concedeu “aos cristãos a liberdade de culto e à Igreja o estatuto de *religio licita*. Mais tarde, em 392, o Édito de Teodósio transforma a Igreja Católica na “religião oficial do Império”; completa-se a

¹⁵ Knoop & Jones, colocam-se entre os que aceitam esta tese ao dizerem que “em nossa opinião a maçonaria dos aceitos fornecem a ligação entre a maçonaria operativa e a especulativa”; contudo, também reconhecem que “não podemos afirmar haver traçado uma continuidade definitiva entre a maçonaria operativa inglesa de 1539 e a maçonaria especulativa inglesa de 1723”. Os autores reconhecem a existência de várias lacunas nas evidências” que completariam a história desta ligação e transformação. (Ver, KNOOP, D.; JONES, G. P. *The Genesis of Freemasonry*. Manchester: Manchester University Press, 1949.)

‘constantinização’ oriental do catolicismo¹⁶.

No Ocidente o processo é mais lento e posterior. Um dos primeiros passos foi o ‘batismo de Clóvis’ que, embora não tenha cristianizado a nação dos francos, foi, sem dúvida, o primeiro e importante passo para tal. A Maçonaria Operativa desenvolveu-se, de modo especial, no *Regnum Francorum*, no período posterior a aproximação da Igreja Católica — via bispos — do poder franco que, como mencionamos acima, iniciou-se com o batismo de Clóvis em 509 — portanto, quase 200 anos após o de Constantino —, seguido pela conversão dos francos — mais visível no governo de Gontrão¹⁷, para alcançar o patamar de cristianização da *utilitas publica*, situação na qual os governantes francos assumiram o papel de evangelizadores e responsáveis pelo encaminhamento da fé e da salvação do povo franco.

Portanto, quando as corporações de ofícios medievais, entre elas a dos pedreiros, alcançaram um desenvolvimento

¹⁶ SILVA, M. C. da. A Realeza Cristã na Alta Idade Média. São Paulo: Alameda, 2008.

¹⁷ Gontrão, ou São Guntram (532/592), foi rei da Borgonha a partir de 561, tendo sua capital em Orleães.

significativo, a religião católica era a religião atrelada ao Estado, até porque, a concorrência ficava a cargo das seitas pagãs, não havendo ainda a presença das dissidências reformáticas. Neste ambiente não é de estranhar que a Maçonaria Medieval tenha sido, tão intensamente, influenciada pela Igreja Católica Apostólica Romana, que, aliás, influenciou quase tudo naqueles tempos. É clara e elucidativa a observação sobre as Corporações de Ofício da Idade Média, cuja fundamentação “tinha desde o começo um espírito religioso. O que não é de admirar-se, pois tudo na Idade Média foi dominado pela Igreja”^{18, 19}. O que justifica o consenso de ter-se nas Associações Monásticas da Idade Média a matriz formatadora de uma corporação que se transformará em laica ao longo do tempo, para chegar aos nossos dias como Maçonaria Especulativa ou dos livres-pensadores.

Mais ainda, segundo H. Spencer:

“nacen todas las profesiones de la diferenciación del elemento que, comenzando por ser político, llega a ser, por la deificación

¹⁸ Texto Original: “c'est d'abord l'esprit religieux. Et ce n'est pas étonnant, car toute la vie, au moyen âge, a été dominée par la religion.”

¹⁹ BRISSON, P. Histoire du Travail et des Travailleurs. Paris: Librairie Ch. Delagrave, 1909.

del jefe muerto, político-eclesiástico, y desenvuelve en seguida las profesiones principalmente por fuera de su elemento eclesiástico”²⁰.

E o mesmo autor comentando a respeito da arquitetura, temática relacionada com a nossa Instituição, concluí, em afinado diapásão com a citação acima, que:

“la arquitectura primitiva legada por las naciones más antiguas, provenia del culto de los antepasados. Sus primeras fases se mostraron en tumbas ó en templos, que, como hemos visto, son formas más ó menos desarrolladas en un mismo principio. De ahí procede que siendo los dos médios de culto, unos simples, otros complejos, llegaron estos monumentos á encontrarse bajo la intervención del sacerdocio y podemos deducir que los primeros arquitectos fueron sacerdotes”²¹.

Parece clara e cristalina a prevalência da Igreja Cristã sobre o passado operativo da Maçonaria. Mesmo a história da moderna Maçonaria, que tem como data divisora a de 24 de

²⁰ SPENCER, H. Origen de las Profesiones. Valencia: F. Sempere y Cia, Editores, 1909.

²¹ SPENCER, H. Origen de las Profesiones. Valencia: F. Sempere y Cia, Editores, 1909.

junho de 1717, está impregnada pela visão cristã, pois dentre os mentores da Primeira Grande Loja vamos encontrar os pastores James Anderson (anglicano) e Theophilus Desaguliers (protestante ou huguenote²²), ambos de formação e atuação cristã.

Outra fonte que aponta esta mesma preponderância cristã e católica é A. Lontaine, para quem: “qualquer que seja o rito ao qual pertençam seus adeptos, será, na França, sempre imbuído do catolicismo, mesmo nas suas características por vezes heterodoxas²³.”^{24,25}

Considerando todos estes elementos históricos e cristãos, qual a base concreta e acessível desta influência? A íntima relação demonstrada nos aproxima e ancora ao texto bíblico, muito frequente na composição das lendas presentes nas

²² Huguenote é o termo utilizado pelos católicos para designar os protestantes na França.

²³ Texto Original: “quel que soit le rite auquel appartiennent ses adeptes, sera toujours en France imbue de catholicisme, même dans son caractère parfois hétérodoxe.”

²⁴ LANTOINE, A. La Franc-Maçonnerie Chez Elle. Paris: E. Nourry, 1925.

²⁵ BERTELLOT, J. La Franc-Maçonnerie Devant L’histoire. Paris: Monde Nouveau, 1949.

Old Charges, nossos mais antigos documentos, majoritariamente, baseadas no antigo testamento.

Portanto, estamos autorizados a concluir que o pensamento religioso influenciador da Maçonaria, quer Operativa²⁶ (antes da Grande Loja de Londres), quer Especulativa (a partir da Grande Loja de Londres), é o bíblico e cristão.

Se nos perguntarmos, novamente, de que ‘espírito estamos falando’? Nossa resposta deverá, até por uma questão de coerência, voltar-se para o texto bíblico para encontrá-lo e caracterizá-lo.

Avançando um pouco dentro do simbolismo maçônico, um dos componentes delimitadores e marcadores da Instituição; utilizando os elementos do painel do grau de Aprendiz Maçom, deparamo-nos com uma sugestiva representação: o Altar dos Juramentos, o Livro da Lei e a Escada (de Jacó), sem dúvida nenhuma, todos eles elementos oriundos da religião, na

²⁶ Considerar que, historicamente, a Maçonaria Operativa não conheceu o protestantismo, calvinismo e o anglicanismo, que foram eventos posteriores ao seu desenvolvimento e apogeu, isto é, no Idade Média havia tão somente o cristianismo católico, apostólico e romano.

nossa compreensão, a Bíblia da religião católica. Em ritos teístas, como o R.:E.:A.:A.:, não conseguiremos, mais uma vez, nos afastar destes elementos religiosos cristãos e do texto bíblico.

Ora, o simbolismo básico entranhado na composição do painel, no mínimo, representa o percurso possível entre a “Terra” e os “Céus”, claramente representado pela escada, cuja representação simbólica elementar é ligar o “baixo” com o “alto”^{27,28}. Note-se que esta escada assenta-se sobre o Livro da Lei, livro este que não é outro, na maioria das vezes, senão a Bíblia; quando não for a Bíblia a alegoria perde significação (pelo menos nos ritos teístas). Caso fosse o exemplar das “Constituições de Anderson” ou a Constituição da Potência, que ligação estaria representada na alegoria? Portanto, a menos que muito me engane, a ligação é entre a Bíblia ou o que ela representa — a palavra de Deus, a revelação de Deus, a lei de Deus — e “os Céus” ou “o alto”; céu²⁹ que representa a morada

²⁷ ELIADE, M. O Mito do Eterno Retorno. Lisboa: Edições 70, 1969.

²⁸ ELIADE, M. O sagrado e o Profano. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

²⁹ CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Dicionário de Símbolos. 2ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

de Deus, o lugar perfeito, o objetivo maior do homem bíblico, do homem maçom, ou seja, desenvolver sua perfectibilidade. Perfectibilidade que vem a ser “o absoluto das aspirações do homem, como a plenitude da sua busca, como o lugar possível de uma perfeição do seu espírito, como se o céu fosse o espírito do mundo”³⁰. Em síntese, o Livro da Lei, o texto que deve expressar as convicções do maçom iniciado, é aqui também a Bíblia³¹, (muito embora possa, por adaptação, vir a ser outro texto, quando então a simbolização estará seriamente comprometida, fazendo-se, rigorosamente, necessário um outro painel). Portanto, a resposta a nossa questão em estudo, - de qual espírito falamos? — deverá, uma vez mais, ser procurado no texto bíblico.

Estando de acordo que matéria é o homem, o homem

³⁰ CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Dicionário de Símbolos. 2ª Edição. Rio de Janeiro: J. O. Editora, 1989.

³¹ Assim pensamos, pois nos princípios para o reconhecimento de uma Grande Loja, da G.:L.:U.:I.:, identificamos um teísmo explícito e rigoroso. Ali se exige ‘a crença no G.:A.:D.:U.:’ e mais, a crença na ‘sua Vontade Revelada’. Todo juramento deverá ser prestado sobre o “volume aberto da Lei Sagrada”. Os trabalhos em loja deverão contar com a presença das Três Grandes Luzes da Maçonaria, das quais “a mais importante das três é o Volume da Lei Sagrada”. Em nosso meio ocidental, em nosso tempo, qual livro satisfaz os requisitos acima expostos? (dados assinalados de ASLAN, N. Landmarques e Outros Problemas Maçônicos. 2ª Edição. São Paulo: Aurora, 1973).

bíblico, o homem bíblico criado, de que espírito fala a Bíblia? Qual espírito guarda superioridade?

Espírito, biblicamente³², no Antigo Testamento é a tradução da palavra hebraica Ruach (que aparece 380 vezes³³), que tem significação literal de ‘vento’ ou ‘sopro’ com aplicação ao ar respirado, como em ‘fôlego de vida’; ou “o termo ‘ruah’ que também significa vento, respiração, afeto, força de vontade; necessitando análise de cada texto para diferenciá-lo”³⁴. Ruah enquanto vento significa ‘corrente de ar’ que se manifesta no soprar do vento e que pode ser: brisa, vento ou tempestade. É a denominação para um ‘princípio vital animal’ (anima, psyché). Ora, a meu juízo, parece-me mais apropriado o ‘ruach’ enquanto ‘sopro’ ou ‘fôlego de vida’, isto é, algo que é transmitido uma vez, no início. Algo como está em³⁵:

Gn. 2,7 “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente.”

³² BUCKLAND, A. R. Dicionário Bíblico Universal. São Paulo: Vida, 1981.

³³ BAUER, J. B. Dicionário de Teologia Bíblica. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 1979.

³⁴ SANTOS, J. B. R. Dicionário Bíblico. São Paulo: Editora Didática Paulista, 2006.

³⁵ BÍBLIA Sagrada. Tradução dos Monges de Maredsous. 37ª edição. São Paulo: Ave Maria, 1982.

Jo. 33,4 “O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida.”

Sl. 144,4 “O homem é semelhante a um sopro; os seus dias são como a sombra que passa.”

Já ‘ruah’ representando o ‘princípio vital animal’ nos aproxima do vitalismo³⁶, com toda carga de contendas que gerou e gera. Consistindo a principal dificuldade deste conceito na “inoportunidade de admitir uma causa desconhecida e inacessível, pouco mais que um nome e, além disso, capaz de tornar insignificante ou descabida a observação científica dos fenômenos vitais”.³⁷

Tal visão não se coaduna com nossos conhecimentos atuais, obviamente, muito diferentes dos disponíveis quando

³⁶ O vitalismo é a doutrina “que considera os fenômenos vitais como irredutíveis aos fenômenos físico-químicos”; daí que “os fenômenos vitais não podem ser *explicados* com causas mecânicas”; daí também que “nenhum organismo vivo nunca poderá ser produzido artificialmente pelo homem em laboratório de bioquímica”; e, finalmente, significa “que a vida na terra, ou, em geral, no universo, não teve origem natural ou histórica decorrente da organização e do desenvolvimento da substância do universo, mas é fruto de um plano providencial ou de uma criação divina”. (Citações de ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2003, obra citada).

³⁷ ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

da apresentação desta teoria, época em que o “homem do antigo Oriente [sentia] um temor reverencial diante do mistério do vento”. Era, este vento, uma “força misteriosa e poderosa, que os povos pagãos adoravam como um deus da natureza, mas que os israelitas, graças ao seu monoteísmo superior, só consideravam como eminente instrumento das intenções histórico-salvíficas de Deus.”³⁸ Portanto, o vento (espírito?) não é Deus, mas seu emissário, intermediário ou sinal.

No Novo Testamento, o espírito, é “como faculdade divinamente concedida, pela qual o homem pode pôr-se em comunhão com Deus”, distinguindo-se do caráter natural deste mesmo homem. Diz o autor³⁹: “A Bíblia, claramente faz supor a existência do espírito, separado do corpo depois da morte.”

Assim sendo, penso haver, com o exposto, demonstrado que a resposta relativa ao conceito de “espírito” expresso no princípio maçônico — a prevalência do espírito sobre a matéria —, ser o bíblico; e enquanto conceito judaico-cristão, é um postulado do cristianismo romano; e sendo do período

³⁸ BAUER, J. B. Dicionário de Teologia Bíblica. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 1979.

³⁹ BAUER, J. B. Dicionário de Teologia Bíblica. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 1979.

Operativo da Idade Média Clássica, obrigatoriamente, este postulado é católico, uma vez que ainda não se havia dado o cisma que gerou o protestantismo.

Sendo bíblico, sua melhor exemplificação metafórica, já citada, mas oportuna, está em Gn 2,7⁴⁰: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente.”

Neste contexto coaduna-se com a missão proposta a cada maçom iniciado de construir uma morada interior condigna para o ‘fôlego de vida soprado nas narinas’, uma vez “que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?” (ICor.3,16), ou ainda, e não muito diferente: “não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que habita em vós, o qual possuís da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?” (ICor.6,19)⁴¹. Alguma razão melhor para o desenvolvimento da perfectibilidade humana?

O “espírito” em questão é o ‘ruach’⁴², é o ‘*pneuma*’ que

⁴⁰ BÍBLIA Sagrada. Tradução dos Monges de Maredsous. 37ª edição. São Paulo: Ave Maria, 1982.

⁴¹ BÍBLIA Sagrada. Tradução dos Monges de Maredsous. 37ª edição. São Paulo: Ave Maria, 1982.

⁴² BÍBLIA Sagrada. Tradução dos Monges de Maredsous. 37ª edição. São

expressa, metaforicamente, o “significado originário do termo, do qual derivaram todos os outros. Esse significado ainda permanece nas expressões em que ‘espírito’ significa ‘aquilo que vivifica’”⁴³.

Com a visão do Novo Testamento, podemos dizer que o “espírito” considerado é o “Espírito Santo, que habita em vós”.

O “espírito” em questão faz parte do “revelado”, e, como tal, é teológico, portanto, exige crença, pois é, preponderantemente, artigo de fé.

Neste estudo, precipuamente ritualístico, é oportuno mencionar que ao compararmos os rituais de 1804⁴⁴, 1829⁴⁵,

Paulo: Ave Maria, 1982.

⁴³ ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2003, obra citada.

⁴⁴ Guide des Maçons Écossais: Rite Écossais Ancien & Accepté. [S.l.]: Of. Rest. do R. E. A. A., 1804.

⁴⁵ SIMON, J. Rituel des Trois Premiers Degrés: selon les anciens cahiers 5829. 2ª Edição. Paris: La Hutte, 2010.

1834⁴⁶, 1928⁴⁷ e 2009⁴⁸, percebemos uma sensível diferença neste ponto da cerimônia de Iniciação. Assim, no ritual de 1804, ao concluir a primeira viagem o comentário do Venerável é: “Bem, Senhor, como vos sentis nesta primeira viagem? Ireis tentar os acasos de uma segunda?”

O ritual seguinte, 1929, mais evoluído, consegue perceber a prova como:

“cheia de obstáculos e acompanhada de grande tumulto. Ele é o emblema da vida do homem; o ruído que ouvistes, representa a paixão que o agita; enquanto os obstáculos que enfrentastes sugerem as dificuldades que ele encontra e que não pode vencer a menos que adquira força moral que pode auxiliar a suplantiar os golpes do acaso”⁴⁹.

⁴⁶ Guia dos Maçons Escoceses, ou Reguladores dos Tres Grãos Symbolicos do Rito Antigo e Aceito. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e Cia, 1834.

⁴⁷ Guia dos Maçons Escoceses: Ritual GGL 1928. Disponível em: <http://oficina-reaa.org.br/v1/rituais/Ritual%20GGL%201928.pdf>. Acesso em: out. 2011.

⁴⁸ GRANDE ORIENTE DE SANTA CATARINA (GOSC). Rito Escocês Antigo e Aceito: Ritual de Iniciação. [S.l.]: GOSC, 2011.

⁴⁹ Texto Original: “Le Voyage que vous venés de faire, a été pénible, difficile, rempli d’obstacles et accompagné d’un grand tumulte. Il est l’emblème de la vie de l’homme; le bruit que vous avés entendu, figure les passions qui l’agitent. Et les obstacles que vous avés reconcontrés peignent les difficultpes qu’il rencontre, et qu’il ne peut vaincre et srumenter qu’autant qu’il acquiert cette force morale qui peut l’aider à se mettre au dessus des coups du sort.”

Sem dúvida muito mais elaborado e representativo, trazendo uma razão palpável para a presença desta prova na cerimônia de Iniciação.

No ritual de 1834, no final desta viagem o Venerável diz:

“Esta primeira viagem he o emblema da vida humana, o tumulto das paixões, o choque de interesses opostos, a dificuldade das empresas, os obstaculos que a cada passo se oppoem aos nossos intentos. Tudo isto se symbolisa pelo ruído que ferio vossos ouvidos, e pela desigualdade de terreno que percorrestes.” (mantida a ortografia original).

Observar que, sequer é mencionada a palavra ‘Ar’, muito menos um comentário simbólico ou esotérico do referido elemento. O Irmão J. S. Pires também fez a mesma constatação da inexistência de “qualquer referência ao liame entre a mencionada Viagem e o Ar.” “Infelizmente”, completa o preclaro Irmão, “é inviável conter a ânsia dos autores de enxertia.”⁵⁰

⁵⁰ PIRES, J. da S. O Roteiro da Iniciação: de acordo com o Rito Escocês Antigo e Aceito. Curitiba: A Trolha, 2011.

Nos rituais de 1928 e 2011, vamos encontrar os comentários simbólicos, do tipo: “o segundo elemento — o Ar — símbolo da vitalidade, emblema da vida humana com seus tumultos de paixões e as suas dificuldades...”⁵¹, ou “o Ar é o símbolo da vitalidade ou da vida; é um emblema natural e próprio da vida humana...”⁵².

- c) *Água* – A prova da água é frequente ao longo da história dos povos, por exemplo, na Índia, ‘nas margens do Ganges, a devoção popular reúne diariamente — como ainda hoje — milhares de homens e mulheres que vão banhar-se, pois ficam assim, *segundo se assegura, purificados de todos os seus pecados. Os que bebem desta água, ou simplesmente lavam a boca, veem desaparecer os males que os ameaçavam. Os que ainda se afogam renascem no meio dos deuses.*’⁵³

⁵¹ Ritual da Grande Loja (GGLL), 1928. [S.l.]: [s.n.], 1928. Disponível em: arquivo em formato PDF.

⁵² GRANDE ORIENTE DE SANTA CATARINA (GOSC). Rito Escocês Antigo e Aceito: Ritual de Iniciação. [S.l.]: GOSC, 2009.

⁵³ PERROY, E. A Idade Média. Vol. 1, 4ª Edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

Sem dúvida o exemplo mais conhecido de uma prova da água está representado na cena do batismo de Cristo por S. João Batista, conforme Marcos, 1,9 “Ora, naqueles dias veio Jesus de Nazaré, da Galileia, e foi batizado por João no Jordão.” Mas também em Lucas, 3,2-3 “veio a palavra do Senhor no deserto a João, filho de Zacarias. Ele percorria toda a região do Jordão, pregando o batismo de arrependimento para remissão dos pecados.”

A relação da água com o renascimento também é apresentada a partir do pensamento paulino, senão vejamos: “São Paulo já conferia ao sacramento do batismo um simbolismo de estrutura arcaica: morte e ressurreição ritual, novo nascimento em Cristo. Os primeiros teólogos elaboraram o argumento: o batismo é uma descida no abismo das águas para um duelo com o mostro marinho; o modelo é a descida de Cristo no Jordão. Outra valorização é o batismo como *antítipo*⁵⁴ do dilúvio. Segundo Justino, Cristo, novo Noé, saído vitorioso das águas, tornou-se o chefe de uma nova raça. A nudez batismal,

⁵⁴ **Antítipo**, sentido de contrário ou oposto, em teologia a representação simbólica de um elemento por outro, no caso descrito, o dilúvio, enquanto batismo purificador da raça humana pecadora é comparado, antitipicamente, com o batismo de João em Jesus.

também ela, comporta uma significação ao mesmo tempo ritual e metafísica: é o abandono da velha roupagem da corrupção e pecado, aquela com que Adão foi revestido depois da queda.”⁵⁵

Um comentário a respeito do ‘irmão terrível’. Uma das citações mais antigas com esta expressão encontrei no L’Ordre des Francs-Maçons Trahi et le Secret des Mopses Révélé, Amsterdam, 1745, que nos comentários relativos à recepção do Mestre, descrevendo a vestimenta do candidato na exaltação diz: “Ele se mantém sozinho frente a porta, fora da loja, até que o segundo vigilante o faça entrar e lhe é fornecido como companhia um irmão aprendiz-companheiro-mestre, que cujo nome neste caso é *irmão terrível*...”^{56,57}.

A mensagem presente no ritual de 1829⁵⁸, revela que a

⁵⁵ ELIADE, M. História das Crenças e das Ideias Religiosas. Vol. II. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

⁵⁶ Texto Original: “Il se tient seulement à la porte en dehors de la loge, jusqu’à ce que le second surveillant le fasse entrer, & on lui donne pour compagnie un frere apprenti-compagnon-maître, que l’on nomme en ce cas le *frère terrible*...”.

⁵⁷ L’ORDRE des Francs-Maçons Trahi et le Secret des Mopses Révélé. Amsterdã: [s.n.], 1745.

⁵⁸ SIMON, J. Rituel des Trois Premiers Degrés: selon les anciens cahiers 5829. 2ª Edição. Paris: La Hutte, 2010.

diminuição das dificuldades e tumultos está ligada a comparação com “o homem maduro pela idade e pela experiência, encontra na virtude a força necessária para aplainar uma grande parte das dificuldades que encontrou em sua juventude. Contudo, não está isento dos combates que deve travar e sustentar para triunfar, inteiramente, sobre os ataques de suas paixões”.

O ritual de 1834⁵⁹, comenta o término da 2ª Viagem – ou 3ª. prova - com as seguintes palavras:

“As muitas dificuldades que tendes vencido, são hum feliz presagio do que deveremos esperar nas provas porque ainda vos resta passar. As que acabão de praticar-se, nada são comparadas às que tem de seguir-se. Deveis reconcentrar neste momento todas as forças da vossa alma, se por ventura não estão ainda esgotadas. Se contra minhas esperanças viésseis a succumbir nesta terrível e perigosa viagem, lamentaríamos a vossa sorte, choraríamos a vossa desgraça, e lastimaríamos que tanto zelo, tanta constancia não fossem mais bem succedidos. Fazei-o praticar a terceira viagem.” (mantida a grafia original).

⁵⁹ Guia dos Maçons Escocезes, ou Reguladores dos Tres Grãos Symbolicos do Rito Antigo e Aceito. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e Cia, 1834.

Observar que o termo ‘água’ sequer é mencionado na exortação Venerável Mestre, muito menos qualquer ligação com um simbolismo relativo a este elemento. Contrariamente aos rituais em uso hoje, que repetidamente frisam o simbolismo das provas, neste trecho há uma admoestação sobre os perigos reais.

O ritual das GG.:LL.: de 1928⁶⁰, trazem a seguinte composição:

“Passastes pela terceira prova a da Água. A Água, em que mergulharam vossas mãos, é o símbolo da pureza da vida maçônica. Vossas mãos jamais devem ser instrumento de ações desonestas. Purificadas, conservai-as limpas. Nas antigas iniciações a purificação da alma fazia-se pela Água, imagem também do oceano da vida, com as furiosas vagas das ilusões. Ouvistes, nessa viagem, o entrecocar de armas, combates à arma branca. Eles simbolizam o perigo que encontrareis para sairdes vitorioso no combate às vossas paixões, no aperfeiçoamento de vossos costumes. Guiado como estáveis, representáveis o discípulo e o mestre, vivendo harmonicamente, fraternalmente, um ministrando com desvelo a experiência e as virtudes que adquiriu e o outro, solícito, deixando-se conduzir. O amparo que vos foi

⁶⁰ Guia dos Maçons Escoceses: Ritual GGL 1928. Disponível em: <http://oficina-reaa.org.br/v1/rituais/Ritual%20GGL%201928.pdf>. Acesso em: out. 2011.

prestado nessa viagem é a segunda manifestação da solidariedade humana, sem a qual as atuais gerações, não fortalecidas, deixam de concorrer para o progresso das gerações futuras. Menos penosa que a primeira, essa viagem também significa que a constância e a perseverança nas lutas contra os vícios do mundo profano têm por termo a paz de consciência. (pausa)

Ir.: Terrível, fazei o profano praticar a terceira viagem.”

Lembremos, a propósito desta segunda Viagem, relativa ao elemento “Água”, as palavras do irmão J. S. Pires, que:

“em 1928, ou seja, ano seguinte ao de seu rompimento com o Grande Oriente do Brasil, que se deu definitivamente, em 27 de junho de 1927, o Irm.: Mário Marinho de Carvalho Behring ... organizou os três primeiros Rituais das Grandes Lojas da Bahia, do Rio de Janeiro (ressalte-se que não é a atual!) e de São Paulo ... introduziu o Mar de Bronze (página 40), que muito depois, foi adotado pelos Rituais do Grande Oriente do Brasil, lamentavelmente.”⁶¹

No ritual ora em uso, R.:E.:A.:A.:, 2011⁶², do

⁶¹ PIRES, J. da S. O Roteiro da Iniciação: de acordo com o Rito Escocês Antigo e Aceito. Curitiba: A Trolha, 2011.

⁶² GRANDE ORIENTE DE SANTA CATARINA (GOSC). Rito Escocês Antigo e Aceito: Ritual de Iniciação. [S.l.]: GOSC, 2011.

G.:.O.:.S.:.C.:. as considerações ritualísticas são mais detalhadas, conforme a citação abaixo:

“Congratulo-me novamente convosco, senhores, por terdes voltado incólumes. Passastes, senhores, pela terceira Prova, a da Água. A água, em que vos fizeram mergulhar as mãos, é uma imagem do vasto oceano que banha as praias dos continentes e ilhas. Nas antigas iniciações, a purificação simbólica da alma fazia-se pela batismo do corpo, constituindo isso uma parte indispensável do cerimonial.”

- d) *Fogo* – a importância do fogo para os ancestrais era fundamental, pois tanto os hindus, os gregos e os romanos mantinham uma relação estreita com o fogo. O fogo sempre foi reverenciado como um deus, e para F.de Coulanges⁶³, “é certo que tanto na Roma de Ovídio como na Índia dos brâmanes, o fogo do lar tinha a primazia em relação a todos os demais deuses”.

Quais os indícios e evidências conhecidas desta estreita relação com o elemento fogo?

⁶³ COULANGES, F. de. A Cidade Antiga. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

- a) A descrição do ‘fogo do lar’ dos recuados ancestrais indo-europeus ou arianos, para quem, o fogo, “não é o elemento puramente físico que aquece ou queima, que transforma os corpos, funde os metais e se torna o poderoso instrumento da indústria humana. O ‘fogo do lar’ é de natureza inteiramente distinta. É um fogo puro, que só pode ser produzido com o auxílio de certos ritos e que só é alimentado com determinadas espécies de madeira. É um fogo casto: a união dos sexos deve se manter bem longe de sua presença. Não lhe pedem apenas riqueza e saúde, mas também lhe dirigem preces para obter pureza de coração, temperança, sabedoria. Portanto, o fogo do lar é uma espécie de ser moral.”⁶⁴ Mais ainda, pela obrigação de manter o fogo do lar acesso eternamente ao mesmo tempo que se deve realizar o rito do túmulo família, “pode-se pensar que na origem o fogo doméstico foi apenas a expressão do culto aos mortos, que sob a pedra do altar do fogo sagrado repousava um antepassado que o fogo era man-

⁶⁴ COULANGES, F. de. *A Cidade Antiga*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

tido aceso ali para reverenciá-lo, e que esse fogo parecia manter-lhe a vida ou representava a sua alma sempre viva.”⁶⁵ Até certo ponto podemos parrear estas ideias com uma tentativa de contextualização em nossos dias na busca de uma descoberta, de uma interiorização da essência de cada um: desbastar a pedra bruta, conhecer a si mesmo, romper com o limbo das trevas e receber a Luz.

- b) Por ocasião da fundação de Roma (756 a.C.), Rômulo, após receber a indicação dos deuses escolhe o local da fundação — o monte Palatino — e, então, é marcada a cerimônia de fundação. “Chegado o dia da fundação, Rômulo oferece primeiro um sacrifício. Seus companheiros dispõem-se à sua volta, acendem um fogo com gravetos e cada qual atravessa de um salto a pequena fogueira. A explicação desse rito é que o povo precisa estar puro para o ato que vai se realizar; e os antigos acreditavam que atravessando de um salto a chama sa-

⁶⁵ COULANGES, F. de. *A Cidade Antiga*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

grada se purificavam de qualquer mácula física ou moral”⁶⁶. Vemos que nossos rituais, formatados ao longo do século XVIII, não apresentam nenhuma novidade com a purificação pelo fogo que já não tivesse sido intuída pelos antigos fundadores de Roma, mais de vinte séculos antes!!!

- c) Precisamos voltar a São João Batista. Relacionamos o batismo de João com a prova da água. Contudo deixamos para expor agora um complemento daquele rito. Para melhor compreensão voltemos ao evangelho de Mateus que narra as palavras de João que nos advertem e esclarecem, Mt, 3:11 “Eu, na verdade, vos batizo em água, na base do arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu, que nem sou digno de levar-lhe as alparcas; ele vos batizará no Espírito Santo, e em fogo.” Compreendendo estas citações bíblicas podemos entender a razão de ser de termos antes a prova da água — ritualismo do homem, do

⁶⁶ COULANGES, F. de. A Cidade Antiga. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

anunciador — e, posteriormente, a prova do fogo – ritualismo divino, do Cristo.

- d) Em nossos rituais está expresso que as provas prescritas são simbólicas, diferentes daquelas realizadas nos tempos antigos. Mas que tipos de provas eram realizadas nos tempos antigos? Agora um exemplo mais recente, vamos falar de uma tradição da Idade Média, do ORDÁLIO, ou seja, o julgamento de Deus. “O juiz podia ordenar um duelo judiciário entre os litigantes, ou submeter o acusado às provas da água a ferver ou do ferro em brasa (as queimaduras permitiam que o juiz se pronunciasse sobre a culpabilidade ou inocência do acusado). O resultado das ‘provas’ para os Bárbaros, dependia da intervenção divina; consideravam que só quem estava ‘puro perante Deus’ podia sair vencedor do duelo e suportar as provas.”⁶⁷ Convém lembrar que tanto as práticas do Ordálio, bem como, os duelos judiciários foram abolidos, no Santo Império Romano, por Frederico II (1194-1250), rei da Sicília.

⁶⁷ ABRAMSON, M.; GUREVITCH, A.; LOLENSNITSKI, N. História da Idade Média. Vol. 1. Lisboa: Estampa, 1978.

- e) Ainda podemos acrescentar a importância do ‘fogo’ nos rituais dos diferentes povos. Em Frazer vamos encontrar uma explanação que explica esta importância, diz ele:

*“Assim, se nos lembrarmos da grande influência que o medo da feitiçaria exerceu sobre o espírito popular europeu em todas as épocas, podemos admitir que a intenção primordial de todas essas festas dos fogos era simplesmente a de destruir ou, pelo menos, livrar-se das bruxas, consideradas como as causas de quase todas as infelicidades do homem. ... De um modo geral, portanto, a teoria da virtude purificadora dos fogos cerimoniais parece estar de acordo com as evidências. Mas a Europa não é a única parte do mundo em que cerimônias desse tipo foram realizadas; também em outros lugares, o ato de passar pelas chamas ou pela fumaça ou sobre as brasas vivas das fogueiras, que é a característica central da maioria dos ritos, foi usado como cura ou prevenção para várias enfermidades.”*⁶⁸

Ao considerar todos estes antigos costumes, F. de Coulanges, cuja obra é de 1864, surpreende-se e exclama: *“Até que ponto os homens, apesar de suas incessantes transformações,*

⁶⁸ FRAZER, J. G. O Ramo Dourado. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

permanecem fiéis aos velhos costumes!”⁶⁹ Maçonicamente, penso que hoje precisamos colocar a exclamação na forma de uma interrogação, seremos nós, apesar das incessantes transformações de nosso mundo, capazes de mantermo-nos fiéis aos velhos costumes?

Nos rituais em estudo, iniciando pelo de 1804⁷⁰, temos a seguinte intervenção do V. : M. : :

“Vossas viagens estão felizmente terminadas. E eu não saberia como provocar mais vossa coragem. Mas que ela não vos abandone. Não chegastes ainda no fim dos vossos trabalhos. As provas que enfrentareis a seguir, embora de um outro gênero, não são mais difíceis. A Ordem na qual solicitais entrada poderá, talvez, exigir de vós que derrame até a última gota do vosso sangue. Se vos sentis com coragem de vos oferecer pela Ordem em holocausto, deveis neste momento, dar-lhe prova de segurança de outra maneira que não seja apenas por palavras e por promessas verbais. Será pelo preço sangue. Se vos sentis com coragem de vos oferecer pela Ordem em holocausto, deveis neste momento, dar-lhe prova de segurança de outra maneira que não seja apenas por palavras e por promessas verbais. Será pelo preço sangue. Se vos sentis com coragem de vos oferecer pela Ordem em holocausto, deveis neste momento, dar-lhe prova de segurança de outra maneira que não seja apenas por palavras e por promessas verbais. Será pelo preço sangue.”

⁶⁹ COULANGES, F. de. A Cidade Antiga. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

⁷⁰ Guide des Maçons Écossais: Rite Écossais Ancien & Accepté. [S.l.]: Of. : Rest. : do R. : E. : A. : A. : , 1804.

O ritual do Supremo Conselho da França, 1829⁷¹, lembra que a prova do fogo representa a purificação que devemos alcançar ao longo de nossas vidas, pois:

“as flamas do amor da humanidade, que elas representam, acalentam vosso coração! Possa no futuro, a caridade, guiar vossas palavras e vossas ações! Não esqueçais, jamais, este precepto da moral mais sublime, que convém a todas as Nações e a todas as religiões: não façais aos outros o que não desejais que vos seja feito”.

O texto do ritual de 1834⁷², relativo à 3ª viagem, é como segue:

*“Terminarão felizmente as vossas viagens, e vossa coragem he digna dos maiores louvores; cuidai em que vos não desampare porque ainda não sois chegado ao termino de vossos trabalhos; os que vos restão, se bem que de differente gênero, nem por isso são menos difficeis.
A ordem a que desejais pertencer, talvez exigirá de vós a offerenda do v****o s****e...”. (mantida a grafia original)*

⁷¹ SIMON, J. Rituel des Trois Premiers Degrés: selon les anciens cahiers 5829. 2ª Edição. Paris: La Hutte, 2010.

⁷² Guia dos Maçons Escocезes, ou Reguladores dos Tres Grãos Symbolicos do Rito Antigo e Aceito. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e Cia, 1834.

Nesta época não havia, como se depreende da leitura dos parágrafos acima citados dos rituais 1804 e 1834, notação simbólica desenvolvida. Na verdade, observamos uma passagem direta da prova do fogo ao ‘ba****o de sa***e’.

No ritual de 1928⁷³ das GG.: LL.: temos:

*“As chamas, que vos envolveram, simbolizam o Batismo da Purificação. Purificado pela água, o fogo eliminou as nódoas do vício. Estais, simbolicamente, limpo. Esse Fogo, cujas chamas simbolizam também ASPIRAÇÃO, FERVOR E ZELO, deve lembrar-vos que deveis aspirar à verdadeira glória, trabalhando ininterruptamente pela causa em que nos empenhamos e que é a do povo e da felicidade humana. Tudo, até aqui, passou sem perigo; antes, porém, de serdes iniciado em nossos mistérios, deveis passar pelo Ba****o do Sa***e.”*

Finalizando, no ritual R.:E.:A.:A.:, 2011⁷⁴, do G.:O.:S.:C.:, lemos:

⁷³ Guia dos Maçons Escoceses: Ritual GGL 1928. Disponível em: <http://oficina-reaa.org.br/v1/rituais/Ritual%20GGL%201928.pdf>. Acesso em: out. 2011.

⁷⁴ GRANDE ORIENTE DE SANTA CATARINA (GOSC). Rito Escocês Antigo e Aceito: Ritual de Iniciação. [S.l.]: GOSC, 2011.

“Senhores, nesta última viagem passastes pela Prova do Fogo, o último modo de purificação simbólica.

Purificados pela água e pelo fogo, estais simbolicamente limpos de qualquer nódoa do vício.

O fogo, cujas chamas sempre simbolizaram aspirações, fervor e zelo, vos lembrará que deveis aspirar à excelência e à verdadeira glória e trabalhar com zelo e fervor pela causa em que vos empenhardes, principalmente se essa for a do povo.

Resta-nos ainda uma outra Prova...”

Vemos, principalmente, a partir do ritual de 1928, uma modificação significativa na conduta após as viagens. Agora temos a lembrança das viagens como provas simbólicas, destituídas de riscos ou perigos.

Nosso objetivo é fazer ver a considerável diferença de mensagem e ambiente simbólico contido nos primeiros rituais e nos mais recentes, especialmente, a partir do ritual das GG.:LL.: de 1928, que apresenta muitas novidades como o citado ‘Mar de Bronze’, além do ‘Altar dos Perfumes’ e das

‘Luzes Místicas’, inexistentes até então^{75,76}. Também o irmão Zoccoli⁷⁷ atesta que é neste ritual que aparece a primeira menção ao Altar dos Perfumes.

Considerando a forma na qual desenrolam-se as provas da Iniciação Maçônica, podemos fazer algumas considerações etnográficas que podem embasar este formalismo a partir da experiência de outros povos e cultos.

Assim, os percursos irregulares com seus obstáculos reais ou imaginários guardam um sentido arcaico, simbólico e ritualístico mesmo – diferentemente do que possa parecer não se trata de uma brincadeira sem sentido. Em Van Gennep, ao descrever alguns ritos funerários, especialmente entre os Kol da Índia, diz, textualmente: “a fim de que a alma não encontre mais o caminho da cabana ... seguem-se percursos sinuosos”⁷⁸, portanto, o sentido último do périplo irregular é o *afastamento*

⁷⁵ PIRES, J. da S. O Roteiro da Iniciação: de acordo com o Rito Escocês Antigo e Aceito. Curitiba: A Trolha, 2011.

⁷⁶ PIRES, J. da S. Rituais Maçônicos Brasileiros. Curitiba: A Trolha, 1996.

⁷⁷ ZOCCOLI, H. Museu Maçônico Paranaense. Disponível em: <http://www.museumaconicoparanaense.com>.

⁷⁸ GENNEP, A. V. Os Ritos de Passagem. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

do mundo profano pelo candidato; ele deve perder-se ou *afastar-se* definitivamente dos costumes e vida anterior.

Outro elemento a ser considerado no percurso das viagens é mencionado nos trabalhos antropológicos e etnográficos dos estudos dos ritos de inversão, isto é, ritos nos quais o candidato a um novo posto ou nível sofre humilhações e provas antes de atingir a meta evolutiva.

É V. Turner que comenta a vivência da liminaridade ao longo dos ritos de passagem com o seguinte comentário: “essa liminaridade pode também, quando aparece nos “rites *de passage*”, humilhar o neófito exatamente porque ele será exaltado, na ordem da estrutura ao final dos ritos.”⁷⁹ Um estudo mais detalhado sobre os aspectos etnográficos presentes e reconhecidos na Iniciação Maçônica podem ser encontrados em outros lugares.^{80,81}

Não é nossa ideia dizer que a Maçonaria espelhou-se em sociedades aborígenes na elaboração de seus rituais, mas

⁷⁹ TURNER, V. O Processo Ritual. Petrópolis: Vozes, 1974.

⁸⁰ CICHOSKI, L. V. A Iniciação Como um Rito de Passagem. O Prumo, n. 207, jan./fev. 2013.

⁸¹ CICHOSKI, L. V. Fundamentos da Iniciação. Curitiba: A Trolha, 2014.

sugerir que os rituais são frutos do pensamento e sentimento do homem em muitas locais e em muitas épocas.

CAPÍTULO 2: A TERRA

DO PÓ E AO PÓ: POEIRA DE ESTRELAS⁸²

INTRODUÇÃO

A maioria de nós conhecedores da Bíblia, assim como, a maioria dos irmãos maçons já nos defrontamos com o ensinamento contido em Gênesis 3, 19⁸³:

“Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e em pó te hás de tornar”.

Variações mínimas nas diferentes traduções:

Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e pó te hás de tornar”.
in sudore vultus tui vesceris pane donec revertaris in terram de qua sumptus es quia

⁸² CICHOSKI, L. V. Do Pó e ao Pó: Poeira de Estrelas. Disponível em: <https://www.maconariacomexcelencia.com/post/do-po-e-ao-po-poeira-de-estrelas>.

⁸³ BÍBLIA Sagrada. Tradução dos Monges de Maredsous. 22ª edição. São Paulo: Ave Maria, 1976.

*pulvis es et in pulverem reverteris.*⁸⁴

*Você comerá seu pão com o suor do seu rosto, até que volte para a terra, pois dela foi tirado. Você é pó, e ao pó voltará (versão católica)*⁸⁵

No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás. (versão Almeida revisada)

No suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado, porquanto és pó e em pó te tornarás. (versão Almeida revisada e corrigida)

Com o suor do rosto você obterá alimento, até que volte à terra da qual foi formado. Pois você foi feito do pó, e ao pó voltará”. (Bíblia Sagrada Nova Versão Transformadora)

No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra, pois dela foste tomado: porquanto tu és pó e em pó te hás de tornar. (Tradução Brasileira)

Terás de suar muito durante a vida toda, para teres o sustento, até que morras e voltes para a terra donde foste tirado. Porque fundamentalmente és terra e para a terra voltarás.” (O Livro, Portugal)

⁸⁴ BÍBLIA CATÓLICA ONLINE. Vulgata Latina vs Bíblia Ave Maria: Liber Genesis, cap. 3. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/vulgata-latina-vs-biblia-ave-maria/liber-genesis/3/>.

⁸⁵ BIBLIATODO. Bíblia versão católica: Gênesis 3:19. Disponível em: <https://www.bibliatodo.com/pt/biblia/versao-catolica/genesis-3-19>.

No suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado, porquanto és pó e em pó te tornarás. (Portuguese Bible Old Orthography)

"no suor da tua face comerás o pão, até que retornes à terra, pois dela tu foste tirado; porque pó tu és, e ao pó tu retornarás." (Bíblia King James)⁸⁶

"Com o suor do teu rosto comerás o teu pão, até que voltes ao solo, pois da terra foste formado; porque tu és pó e ao pó da terra retornarás!" (Bíblia King James, atualizada).⁸⁷

Qual a mensagem que podemos retirar deste versículo, combinando o conhecimento de ontem — do autor bíblico —, e o de hoje — do leitor?

⁸⁶ BÍBLIA KING JAMES FIEL 1611. Gênesis 3:19. Disponível em: <https://bkjfiel.com.br/genesis-3-19/>.

⁸⁷ BÍBLIA KING JAMES ATUALIZADA. Gênesis 3. Disponível em: <https://bibliaportugues.com/kja/genesis/3.htm>.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

*“Comerás o teu pão com o suor do
teu rosto”.*

As mensagens luminares desta frase nos referendam a necessidade da alimentação, sem a qual pereceremos; e, complementarmente, que a mencionada alimentação acabará sendo conseguida com algum esforço, com o trabalho; algo como: comemos porque trabalhamos ou trabalhamos para podermos comer.

A relação do homem com o trabalho visando a alimentação modificou-se ao longo do tempo. A fase mais remota, herança ancestral, foi um período passivo ou extrativista no qual os indivíduos alimentavam-se daquilo que alcançavam, fosse vegetal — maioria —, fosse animal.

A especialização deste tipo de empreendimento exigia uma mobilidade constante — nomadismo —, buscando o melhor espaço fosse para o aproveitamento, coleta de frutos e outros vegetais, fosse para alguma caça ou pesca — reconhecido

como homem coletor-caçador. De qualquer forma, alcançar os alimentos — colhendo as frutas ou pescando — exemplifica um trabalho⁸⁸; saber ou intuir que os ambiente ocupado detinha ou deixava de apresentar o suficiente para o grupo ou tribo, também era um trabalho. Uma herança das espécies anteriores, especificamente dos primatas, no caso do *homo sapiens*; estamos falando do paleolítico, algo entre 100 000 e 8 000 a.C.^{89,90,91,92,93,94}

A grande mudança deu-se com a descoberta do fogo e a fixação do homem ao ‘seu lar’ com o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, eventos caracterizantes do neolítico, algo entre 8000 a 3000 a.C. Nesta fase é possível visualizar um trabalho organizado com períodos para o plantio e outro para

⁸⁸ LOCKE, J. Segundo Tratado Sobre o Governo. 1690. São Paulo: Martin Claret, 2002.

⁸⁹ HAAF, G. A Origem da Humanidade. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

⁹⁰ LEAKEY, R. E. Origens. 2ª Edição. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

⁹¹ LEAKEY, R. E. A Evolução da Humanidade. 2ª Edição. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.

⁹² ORGEL, L. E. As Origens da Vida. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

⁹³ BRAIDWOOD, R. J. Homens Pré-históricos. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

⁹⁴ UJVARI, S. C. A História da Humanidade Contada Pelos Vírus. 2ª Edição. São Paulo: Contexto, 2021.

a colheita; períodos de caça ou pesca; melhor conhecimento sobre o funcionamento das estações com as melhores épocas para as tarefas relativas à alimentação; isto é, para melhor compensar o suor do rosto na obtenção do grão que seria, mais uma vez, trabalhado na produção da farinha que, por fim, permitiria degustar o pão.

Não se pode deixar de considerar que o grão plantado ou o gado de pastoreio sempre buscaram, também, na terra ou no que dela brota ou no que nela está, as condições e alimentos para a própria subsistência; isto, aliás, antes do homem, antes dos primatas, antes dos... seres terrestres!

O redator da frase — com o suor do teu rosto comerás o teu pão —, é do período histórico da História do homem (da Antiguidade) — isto é, após o desenvolvimento da escrita (cuneiforme e hieroglífica) — e, portanto, melhor conhecedor das características envolventes do homem fixado e agricultor que do antigo, o pré-histórico e nômade coletor e caçador— certamente esquecido pelo homem redator do texto; o que se poderia dizer sobre o homem pré-histórico, seus hábitos e costumes, no tempo em que foram produzidos os diferentes textos componentes da Bíblia que conhecemos hoje?

*“até que volte à terra de que foste
tirado”*

Tanto quanto os produtos alimentares utilizados pelo homem — sejam eles as plantas ou animais diversos — todos são oriundos, provenientes e compostos dos diversos componentes da Terra^{95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107}.

⁹⁵ HOYLE, F. A Natureza do Universo. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

⁹⁶ WEINBERG, S. Os Três Primeiros Minutos do Universo. Lisboa: Gradiva, 1987.

⁹⁷ CHESTER, M. Partículas: Introdução à Física de Partículas. Lisboa: Artenova, 1979.

⁹⁸ J SILK, J. O Big Bang: A Origem do Universo. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

⁹⁹ HAWKING, S. W. Uma Breve História do Tempo. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

¹⁰⁰ DAVIES, P. Os Três Últimos Minutos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

¹⁰¹ HAWKING, S. W. Sonhos de Uma Teoria Final. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

¹⁰² SAGAN, C. Bilhões e Bilhões. São Paulo: Companhia de Bolso, 1997.

¹⁰³ FEYNMAN, R. P. Física em Seis Lições. 3ª Edição. São Paulo: Companhia de Bolso, 1999.

¹⁰⁴ FEYNMAN, R. P. Deve ser Brincadeira, Sr. Feynman! Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

¹⁰⁵ SAGAN, C. O Mundo Assombrado Pelos Demônios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

¹⁰⁶ SAGAN, C. Variedades da Experiência Científica. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹⁰⁷ GLEISER, M. Criação Imperfeita. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2010.

A Terra — nosso lar — é o resultado de inúmeras condições exatas; focalizemos as mais próximas e palpáveis ou mensuráveis: o volume de nosso planeta, a presença e distância do Sol e, igualmente, a presença e distância da Lua¹⁰⁸. Todos são fatores favoráveis a um ambiente facilitador da vida — desde, ao redor 3,5 bilhões de anos atrás — importantes facilitadores da nossa existência.

Nossa composição, não poderia ser diferente, está diretamente relacionada com os componentes presentes na composição da Terra. Didaticamente, podemos dizer que são 88 os elementos químicos naturais — presentes na Terra, mas não obrigatoriamente aqui produzidos - além, de outros, 27 elementos artificiais — produzidos pelo homem em laboratório — perfazendo os 115 elementos presentes na atual tabela periódica.

Quantitativamente é aceito que a crosta terrestre é composta por:

Oxigênio – 47%; Silício – 28%; Alumínio – 8,1%; Ferro – 5,0%; Cálcio – 3,6%; Sódio – 2,8%; Potássio – 2,6%; Magnésio – 2.1%;

¹⁰⁸ ZUGNO, Z. Antídoto Apocalíptico: 150 Provas Científicas da Existência de Deus. 4ª Edição. 2015.

Hidrogênio – 0,9%; Além de outros bem menos representativos^{109, 110}.

Dentro desta avaliação — composição quantitativa — podemos comparar e reconhecer os mesmos elementos — em quantidades diferentes — na formação do corpo humano¹¹¹:

Oxigênio – 65%; Carbono, 18%; Hidrogênio, 10,2%; Nitrogênio, 3,1%; Cálcio, 3,1%; Fósforo, 1,2%; Potássio, 0,25%; Enxofre, 0,25%.

Alguma quantia ainda menor de Cloro, Magnésio e Sódio e estaremos somando 99,95% da composição total do organismo humano, que se pesar 70 kg estará formado por uma coleção de 7 mil quatrilhões de átomos — 7 seguidos por 27 zeros!¹¹²

¹⁰⁹ Se considerarmos a percentagem dos elementos componentes do globo terrestre integralmente, não apenas a crosta, verificaremos alteração na distribuição dos mesmos.

¹¹⁰ OLHAR DIGITAL. Qual é o Elemento Químico Mais Comum do Universo e o da Terra? 28 abr. 2023. Disponível em: <https://olharddigital.com.br/2023/04/28/ciencia-e-espaco/qual-e-o-elemento-quimico-mais-comum-do-universo-e-o-da-terra/>.

¹¹¹ BBC NEWS BRASIL. Por que a Pandemia Pode Mudar a Forma Como Vivemos. 8 set. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-5401730>.

¹¹² Outras considerações podem ser encontradas em CICHOSKI, L. V.;

A intuição ou percepção do autor do Gênesis foi fantástica e poética!

“porque és pó, e em pó te hás de tornar”.

Estes poucos diferentes elementos químicos – contamos 11 elementos naturais, ou seja, 12,5% do conjunto dos 88 elementos deste grupo majoritário – quando devida, artística e magistralmente organizados permitem a existência de organismos animais – como os do *homo sapiens* – composto por múltiplas e diferentes células, tecidos, órgãos. A utilização da mesma matéria atômica base em arranjos e conteúdos diferentes permitiu que ‘do pó¹¹³ da Terra’ se fizesse o homem!

Voltar ao pó é deixar a vida; voltar ao pó é retornar ao

CARNIEL, A. A Natureza Como Primeiro Maçom Operativo. Disponível em: <https://www.maconariacomexcelencia.com/post/a-natureza-como-primeiro-macom-operativo>.

¹¹³ Carl Sagan expressou, poeticamente, esta verdade ao reconhecer que “somos poeira de estrelas”!

estado elementar da maioria dos átomos formadores dos organismos vivos, o *homo sapiens* incluído.

A conduta historicamente cultural é o sepultamento¹¹⁴,
115, 116, 117, 118, 119, 120. O homem das cavernas já tinha desenvolvido este costume — os sítios de sepultamento mais antigos são do paleolítico inferior (80 000 a.C.); muitos sítios arqueológicos revelam uma forma estandardizada para este evento, entre os mais famosos e representativos estão: La Chapelle-aux-Saints (França), Grimaldi (Itália), Arena Candida (Itália), Shanidar (Irake), Qafzeh (perto de Nazaré, Israel)¹²¹; povos mais recentes, mas antigos para nós, também mantinham conduta apropriada em locais separados e respeitados para estas cerimônias; estamos falando do homem fixado em comunidades. A religião foi outra propagadora desta liturgia e a Idade

¹¹⁴ ELIADE, M. O mito do Eterno Retorno. Lisboa: Edições 70, 1978.

¹¹⁵ ELIADE, M. Mitos, Sonhos e Mistérios. Lisboa: Edições 70, 1989.

¹¹⁶ BUYST, I. Símbolo na liturgia. 3ª Edição. São Paulo: Paulinas, 2000.

¹¹⁷ ELIADE, M. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 2004.

¹¹⁸ BUYST, I. O Segredo dos Ritos. São Paulo: Paulinas, 2011.

¹¹⁹ BALETA, M. E. Orígenes. Edição do autor, 2013.

¹²⁰ ELIADE, M. O sagrado e o Profano. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

¹²¹ CLEOFAS. As Sepulturas na Pré-história. Disponível em: <https://cleofas.com.br/as-sepulturas-na-pre-historia-eb/>.

Média e Moderna tornaram-se palcos para solenidades altamente ritualizada por ocasião do falecimento da realeza, especialmente, dos monarcas — Saint Denis, Paris, é um endereço representativo destas práticas; paralelamente a importância que têm para com a história e o desenvolvimento da Maçonaria Operativa.

Opção ao sepultamento tradicional é representada pela cremação. A História também registra eventos crematórias no passado remoto, alguns entre 25 000 e 50 000 a.C.; mais recentemente, já no período histórico encontramos registros desta prática entre os gregos e os romanos; os egípcios tinham um pensamento diferente, principalmente para com os restos de seus faraós.

Em nosso tempo o processo crematório está envolto em resistências diversas, entre as quais as religiosas que são as mais robustamente consistentes¹²²:

- a) Igreja Ortodoxa (sérvia, russa e grega): proíbe a cremação;

¹²² WIKIPÉDIA. Cremação. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Crema%C3%A7%C3%A3o>.

- b) Islamismo: proíbe fortemente a prática crematória;
- c) Candomblé: proíbe o uso da cremação;
- d) Igreja Católica: tinha posição contrária, mas houve uma relativização em 1963 (Concílio Vaticano II), contudo a orientação prioritária é o sepultamento habitual;
- e) Espiritismo: recomenda aguardar três dias (72 horas) antes de efetivar o processo final;
- f) Igreja Anglicana, orienta cremação desde 1944;
- g) Hinduísmo e Budismo: recomenda e ritualiza a cremação.

Aspecto legal brasileiro a ser considerado é a necessária disposição, oficial e registrada, do falecido optando pela cremação.

A cerimônia crematória acontecesse após a comentada solicitação e o consentimento familiar e liberação legal. Concluído normalmente o cerimonial fúnebre social e familiar, dá-se início aos eventos crematórios.

A fase seguinte observada é a manutenção do corpo em ambiente refrigerado por, pelo menos, 24 horas antes da cremação propriamente dita; o processo crematório é realizado com o corpo dentro de um ataúde sem elementos metálicos e vítreos; aliás, também devem ser retirados do corpo equipamentos com risco de explosão, como marcapassos.

O processo acontece em ambiente — forno — apropriado para os eventos que se darão em temperaturas que variam entre 980 e 1200 graus centígrados, podendo durar até cinco (5) horas, variação dependente do peso corporal. Nesta temperatura da água e os elementos biológicos são, literalmente, vaporizados e eliminados pela exaustão do próprio forno. No final do processo encontram-se cinzas com aspecto de uma areia grossa esbranquiçada: partículas inorgânicas e restos ósseos (óxido de cálcio). Este conjunto será processado em equipamento complementar para homogeneizar o conteúdo.¹²³

O conteúdo final do processo crematório não contém

¹²³ SUPERINTERESSANTE. Como é Feita a Cremação de Cadáveres. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-e-feita-a-cremacao-de-cadaveres>.

nenhum traço de água ou de substância orgânica — não restando vírus, bactérias, fungos, DNA — componentes que seriam capazes de contaminar os contactantes ou o próprio meio-ambiente.

A composição final das cinzas de cremação — que são restos de ossos pulverizados - é constituída principalmente por Cálcio, Fósforo e Potássio; estes elementos são característicos da composição óssea, composição esta com maior resistência ao processo. Lembrando que tais componentes não fazem parte da lista dos maiores constituintes do organismo (Oxigênio, Silício e Alumínio).

No final do processo, uma pessoa de 70 quilos fica reduzida a menos de um quilo de cinzas/pó.

Observação: estes mesmos componentes fazem parte das cinzas(pó) dos animais cremados sejam eles: gatos, cachorros, cavalos, roedores em geral; variando a quantidade com o porte destes animais.

Não há maneira melhor para descrever o processo que as palavras bíblicas: *“porque tu és pó e ao pó da terra retornarás,”* e o mesmo Cálcio, Fósforo e Potássio retornam a fazer

parte do pó e serão utilizados na composição de novos seres — vegetais ou animais — vivos, reiniciando o ciclo vital característico em nossa casa, o planeta Terra!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentes condutas são feitas com as cinzas(pó) da cremação.

Muitos rituais de desapego foram praticados: dispensação em lugares os mais diversos, do alto das montanhas ao fundo do mar.

O uso em favor da natureza pode ser entendido, por um lado, pela ausência do processo de decomposição com capacidade de contaminação do ambiente próximo, principalmente, fontes de captação de água ou alguma infecção na fauna próxima, bem mais difícil hoje.

Menção frequente é o uso como nicho vegetal. Os trabalhos feitos revelam que as cinzas crematórias (o pó), quando usadas isoladamente, não auxiliam como fertilizante, pelo contrário, o alto pH impede os eventos biológicos da germinação;

para obter um resultado adequado as cinzas crematórias devem ser adicionadas com material orgânico para então alcançar o resultado adequado na fertilização do solo. Alguns equipamentos¹²⁴ foram projetados para que o material orgânico seja o primeiro a adubar o terreno e as cinzas crematórias em uma segunda fase.

Dada a alta concentração de cálcio nas cinzas crematórias foi desenvolvido sua purificação e utilização na produção de diamante que podem ser produzidos com diferentes níveis de quilates e com diferentes cores e tamanhos diversos.

Portanto, existem muitas maneiras de homenagear o ente querido perdido.

Podemos encontrar uma profunda e perfeita ressonância entre os dados levantados pelo clamor do autor do texto sagrado. Muito embora não tenha assinalado a composição da poeira (estelar) que carregamos (os átomos), verdade completa

¹²⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Equipe de Pesquisadores da UFV Contribui Para Desenvolvimento de Urnas Ecológicas. Disponível em:

<https://www2.dti.ufv.br/noticias/scripts/exibeNoticiaMulti.php?codNot=32939&link=corpo#:~:text=Segundo%20o%20pesquisador%20da%20UFV,por%20C%C3%A1lcio%2C%20F%C3%B3sforo%20e%20Pot%C3%A1ssio.>

é que somos formados da poeira da Terra e que a devolveremos no devido tempo, após o devido uso; o mesmo há de acontecer com a Terra!¹²⁵

¹²⁵ REVISTA A TROLHA. Publicado na Revista A Trolha, nº 449, mar. 2024.

CAPÍTULO 3: AR

INTRODUÇÃO

Na concepção grega dos elementos primordiais¹²⁶ — ou materialismo monista — o AR foi proposto por Anaxímenes (588/524 a.C.) como a substância básica formadora do universo; diferentemente de Tales de Mileto/Água¹²⁷; Heráclito/Fogo¹²⁸ e Xenófanes/Terra¹²⁹.

O ar foi sendo formado em nosso quente e instável planeta inicial, há 4,5 bilhões de anos atrás; não havia oxigênio

¹²⁶ CICHOSKI, L. V. Fundamentos da Filosofia Maçônica. Vo. 1. Curitiba: A Trolha, 2018.

¹²⁷ CICHOSKI, L. V.; CARNIEL, A. A Natureza Como Primeiro Maçom Operativo. Disponível em: <https://www.maconariacomexcelencia.com/post/a-natureza-como-primeiro-macom-operativo>.

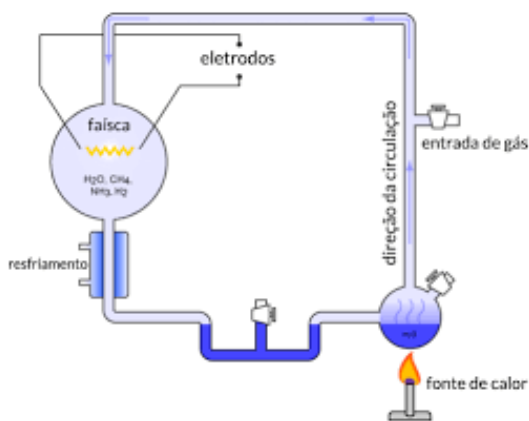
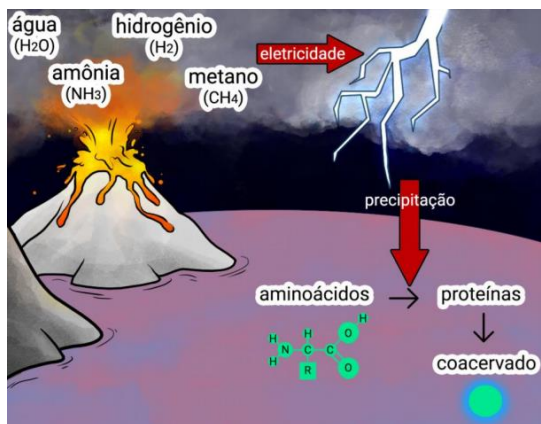
¹²⁸ CICHOSKI, L. V. Fogo/Calor e a Maçonaria. Disponível em: <https://www.maconariacomexcelencia.com/post/fogo-calor-e-a-maconaria>.

¹²⁹ CICHOSKI, L. V. Do Pó e ao Pó: Poeira de Estrelas. Disponível em: <https://www.maconariacomexcelencia.com/post/do-po-e-ao-po-poeira-de-estrelas>.

na atmosfera que era formada por nitrogênio(N_2), hidrogênio (H_2), gás carbônico (CO_2), água (H_2O), metano (CH_4), e amônia (NH_4) em ambiente de altas temperaturas alimentadas pela energia vinda do Sol, maior que atualmente, visto incidir sobre uma superfície sem proteção atmosférica (e sem vida), assim se mantendo, pelo menos, por 1 bilhão de anos.

Oparin e Haldane (1923) propuseram, teoricamente, que a vida teria surgido da formação de substâncias orgânicas a partir de elementos inorgânicos¹³⁰ em um ambiente sem oxigênio. Esta proposta foi experimentada por Muller-Urey (1953).

¹³⁰ Evento que supera o conceito do Vitalismo que pregava a obrigatoriedade de substâncias orgânicas para originar novas substâncias orgânicas.



Por volta de 3,5 bilhões de anos atrás, apareceram os coacervos¹³¹ e as primeiras formas de vida — provavelmente

¹³¹ Coacervos ou coacervados teriam sido aglomerações de diferentes substâncias que, pelas cargas eletroquímicas, mantinham-se envoltas por uma película de água; algo como uma protocélula sem membrana organizada.

microrganismos do tipo das algas e bactérias — originadas no ambiente aquático, ou seja, na água, visto que a atmosfera inicial apresentava composição radicalmente diferente da que conhecemos hoje; estas primeiras criaturas vivas mantinham comunicação química com este ambiente aquático de onde absorviam elementos e moléculas simples dissolvidas que eram processadas pela fermentação.

Mas, e o oxigênio (O_2), de onde veio? As principais fontes produtoras deste gás essencial para a nossa existência foi produzido pelas algas, criaturas do ambiente primitivo sem oxigênio. Estima-se que 98% do oxigênio terrestre foi produzido pelo fitoplâncton^{132, 133, 134, 135, 136}. A composição média do ar hoje é de: 21% de oxigênio, 78% de nitrogênio, 1% de argônio, e 0,03% de dióxido de carbono.

¹³² THOMAS, L. *As Vidas de Uma Célula*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

¹³³ HAAF, G. *A Origem da Humanidade*. São Paulo: Abril, 1979.

¹³⁴ ATTENBOROUGH, D. *A Vida na Terra*. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.

¹³⁵ ORGEL, L. E. *As Origens da Vida*. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

¹³⁶ GLEISER, M. *Criação Imperfeita*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BÍBLIA

A ritualística, o instrucional, a história da Maçonaria espelham o saber existente; no período Operativo representados pela Bíblia e os pensadores católicos [S. Agostinho (Patrística); S. Tomás de Aquino (Escolástica)], a Inquisição; no período Especulativo: a literatura, a filosofia e o conhecimento próprios do Renascimento com o aparecimento do Racionalismo (Spinoza) e do Empirismo (John Locke).

Na base do saber esteve, por muito tempo, a Bíblia. Referentemente ao Ar, Fôlego, Sopro encontramos versículos específicos e conhecidos por todos:

- a) Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente. Gn2,7;
- b) Deste aos meus dias, o comprimento de um palmo; a duração da minha vida é nada diante de ti. De fato, o homem não passa de um sopro. Sal 39:5;
- c) O homem é como um sopro; seus dias são como sombra passageira. Sal 144:4;

- d) Lembra-te, ó Deus, de que minha vida é apenas um sopro; Jó 7, 7;
- e) O Espírito de Deus me fez; o sopro do Todo-poderoso me dá vida. Jó 33:4;
- f) Parem de confiar no homem, cuja vida não passa de um sopro em suas narinas. Que valor ele tem? Isaías 2:22.

Sem dúvidas o versículo do Gênese (Gn 2,7) é fundante e os dizeres de Jó são diretos, sem simbolismos ou meias palavras (Jó 7,7 e Jó 33,4).

Paralelamente ao conteúdo instrucional e orientador, existe uma visão histórica destes textos^{137, 138, 139, 140, 141, 142, 143}.

¹³⁷ KELLER, W. ...e a Bíblia Tinha Razão. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

¹³⁸ ASIMOV, I. Guia de la Biblia: Antiguo Testamento. Barcelona: Laia, 1985.

¹³⁹ FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. A Bíblia Não Tinha razão. São Paulo: A Girafa, 2003.

¹⁴⁰ ARENS, E. A Bíblia Sem Mitos: Uma Introdução Crítica. São Paulo: Paulus, 2007.

¹⁴¹ CICHOSKI, L. V. O Livro da Lei. O Prumo, nº 212, nov./dez. 2013.

¹⁴² CICHOSKI, L. V. Judaísmo e Cristianismo. 1ª parte. O Prumo, nº 223, set./out. 2015.

¹⁴³ CICHOSKI, L. V. Judaísmo e Cristianismo. 2ª parte. O Prumo, nº 224,

Em relação ao Gênese que registra os primórdios do hebraísmo, com a descrição da criação e a migração de Abrão da mesopotâmia para o Egito, historicamente 1800 a.C.¹⁴⁴, tem a sua fixação escrita no período do Exílio, 500 a.C.¹⁴⁵

PNEUMA

Este conceito é uma herança grega com o sentido associado com a respiração; algo relativo ao ‘sopro’ bíblico – observar que a citação inicial da Bíblia é do Gênese cuja época de fixação é por volta de 500 a.C. e o pensador grego estudioso do ‘ar’, Anaxímenes, viveu neste mesmo período.

O conceito alinha alguns termos como ar, respiração, fôlego, espírito, alma e também psique.

Filosoficamente aprendemos que a fundamentação deste termo se liga com a escola estoica — florescida na Grécia

nov./dez. 2015.

¹⁴⁴ Neste período se dá a consolidação da Babilônia como a maior cidade do mundo; os hicsos invadem o Oriente Médio; Guerras de Hamurabi; as pirâmides do Egito já existem há 1000 anos.

¹⁴⁵ Término da monarquia romana e início da república; Dário é rei da mesopotâmia; Confúcio e nomeado rei de Chung-tu.

antiga séculos IV a.C. (400 a.C. a 301 a.C.) — que mantinha o sentido de ‘sopro animador’,¹⁴⁶ do criador. Era entendida como “ciência das coisas espirituais; psicologia”; muito interessante a comparação de Leibniz: “As percepções insensíveis são tão usadas na pneumática como os corpúsculos na física”¹⁴⁷.

Percebe-se, associado ao pneuma, ao ar, o conceito de substância fluída, delicada, sutil, respiratória, chegando a nossa pneumatologia que focaliza o órgão responsável pelo aproveitamento, introdução (oxigênio) e eliminação (gás carbônico) dos elementos gasosos; deixando de manter ligação com o psicológico ou o espiritual, presente na Idade Média, como no pensamento de São Martinho¹⁴⁸: “o ar é um elemento sensível da vida invisível”, a base concreta do invisível — do desconhecido, da bioquímica —; mas também expressa a associação de algo sentido representando elementos da crença.

Dentro do simbolismo maçônico encontramos o Ar na Iniciação do Aprendiz Maçom, quando após emergir da prova

¹⁴⁶ ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹⁴⁷ LALANDE, A. Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

¹⁴⁸ S. Martinho de Tours, viveu em 317/397, período em que o cristianismo estava sendo oficializado no Oriente por Constantino, 313.

da Terra o candidato inicia sua purificação com a prova do ar que impressiona sua audição pelo som que se propaga pelo meio aéreo¹⁴⁹; mas apropriadamente entendido como nosso envoltório vital: nossa atmosfera.

Após um processo longo e modificador do nosso lar, pelo menos 1 bilhão de anos, o ambiente passou da anaerobiose inicial para a presença constante de 21% deste elemento essencial ao nosso viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados apresentados podemos observar que das quatro essências gregas — Terra, Ar, Água e Fogo —, nenhuma delas é uma essência dentro dos conceitos químicos e físicos atuais. Contudo não deixa de ser impactante observar a objetividade das observações consignadas no conhecimento dos filósofos daquele momento histórico que selecionaram itens básicos e necessários para a existência e manutenção da

¹⁴⁹ Diferente do exposto no Dicionário de Símbolos, Chevalier & Gehebrand, que referiram o “ar como o meio próprio da luz”, questionável; contudo, sendo luz o meio próprio das “vibrações interplanetárias”.

vida.

Precisamos de uma base química firme que a Terra nos possibilita por sua múltipla composição, muito embora tenhamos nascido no ambiente líquidos dos oceanos iniciais (e ainda passamos pela fase aquática placentária)! Na Terra também estão os diferentes elementos formadores da nossa estrutura;¹⁵⁰ depósitos dos elementos concretos que necessitamos ao longo da vida.

A Água foi o berço primal da vida; os mundos sem água são desconsiderados como endereços de vida. A Água necessitou um ambiente diferente do presente na Terra originalmente; uma transformação físico-química foi necessária para o aparecimento do ‘sopro vital’; menos temperatura, diferentes substâncias básicas, pelo menos até o elemento 8: Hidrogênio, número 1; Oxigênio, número 8; unidos H_2O , água o ambiente para conter a vida.

O Fogo aparece como energia que produzimos e também nos valem da produção de outros. Seja a energia solar que inunda nosso planeta com o necessário estímulo para as

¹⁵⁰ CICHOSKI, L. V. Do Pó ao Pó. Revista A Trolha, nº 449, mar. 2024.

diferentes formas de vida se desenvolverem e intercambiarem esta energia - a vida é mantida pela morte de outra vida! Nossa característica homeotérmica exige um controle tanto para a falta (hipotermia), proporcionalmente, mais letal que a morte por insolação ou febre exagerada.

Por fim, o Ar, é nosso comburente essencial, ele permite que as células queimem as calorias estocadas a partir dos diferentes alimentos, especialmente as gorduras(9Kcal/g) e os carboidratos(4Kcal/g). Assim como para nosso planeta é importante que não haja mais de 21% de oxigênio na atmosfera (haveria um aumento significativo no número de incêndio); também em nosso organismo não é adequado que as taxas de oxigênio excedam o habitual (inibição enzimática pode interferir com a função pulmonar, bioquímica sanguínea; cuidados mais refinados são exigidos na suplementação dos recém-nascidos – retinopatia, doença pulmonar crônica).

Maçonicamente, o ar representa os aspectos sutis da natureza humana que devem ser descobertos, mantidos e desenvolvidos pelos maçons; avaliar a representativa da ignição da vida; a presença do imponderável e invisível; a representa-

tividade da crença que se sobrepõe ao material e palpável. Enquanto sopro ou comburente, propriedades do ar, a Maçonaria deve desenvolver a capacidade criadora que habita no homem maçom; homem este que dá vida para a Maçonaria que é um assunto sério.

CAPÍTULO 4: ÁGUA

A NATUREZA COMO PRIMEIRO MAÇOM OPERATIVO¹⁵¹

INTRODUÇÃO

Aparentemente uma aventura criativa trabalhou para existirmos! Uma certa dada energética inicial, nem maior, nem menor que a necessária — o Big Bang^{152,153,154,155} —, seguida de uma dispersão dos primeiros componentes, desde ‘pacotes energéticos

¹⁵¹ CICHOSKI, L. V.; CARNIEL, A. A Natureza Como Primeiro Maçom Operativo. Disponível em: <https://www.maconariacomexcelencia.com/post/a-natureza-como-primeiro-macom-operativo>.

¹⁵² SILK, J. O Big Bang: A Origem do Universo. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

¹⁵³ WEINBERG, S. Os Três Primeiros Minutos do Universo. Lisboa: Gradiva, 1987.

¹⁵⁴ GLEISER, M. Criação Imperfeita. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2010.

¹⁵⁵ ZUGNO, Z. Antídoto Apocalíptico: 150 Provas Científicas da Existência de Deus. 4ª Edição. 2015.

iniciais’ às primeiras partículas subatômicas, as primeiras partículas atômicas e aos átomos como os conhecemos hoje – os naturais e todos os demais.

O tempo necessário para um afastamento e reunião posterior, organizando os ‘tijolos’ formadores do nosso mundo material até a chegada de um subproduto fantástico, a vida – aqui e, talvez, em outros endereços, ainda sem CEP conhecido.

Em nossa casa — a Terra — é, relativamente, recente, algo como uns 4,5 bilhões de anos, frente a tal ‘aventura criativa’, ocorrida à, pelo menos, 10 bilhões de anos antes.

CONSIDERAÇÕES COMPARATIVAS

Se por um lado nosso planeta — a Terra — somente nos serve de morada por ter o tamanho que tem, por estar distante do Sol e da Lua na medida certa; por outro lado, completa esta sua função pela composição que tem, principalmente pelos elementos naturais da qual é formada — 88 dos 115 elementos presentes na tabela periódica.

Na tabela periódica, existem elementos encontrados na

natureza (**naturais**) e elementos produzidos em laboratório (**artificiais**). Ao todo já foram catalogados 115 elementos químicos, sendo 88 naturais e 27 artificiais.

Os elementos artificiais dividem-se em dois grupos:

- **Cisurânicos:** Possuem número atômico menor do que 92 (número do urânio); são quatro: tecnécio (Tc), astato (At), frâncio (Fr) e promécio (Pm).
- **Transurânicos:** Possuem número atômico maior que 92 (urânio). Os outros 23 elementos não citados.

Estes elementos não foram desenvolvidos integralmente em nosso planeta, o que é uma obviedade, visto que estamos aqui onde estamos bem depois do evento inicial, criador de tudo — o Big Bang.

“Somos poeira de estrelas”¹⁵⁶; poeira dinâmica, pois de um lado elementos dispersos pelo espaço foram se aproxi-

¹⁵⁶ SAGAN, C. Um Pálido Ponto Azul. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

mando e o planeta foi nascendo; foi complementado pela poeira vinda do espaço na forma de cometas e outros detritos celestes ao longo dos estimados 4 bilhões de anos.

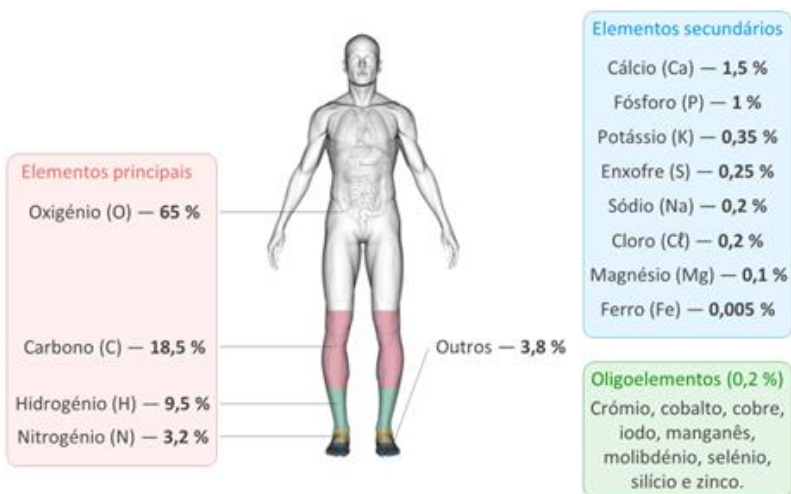
A vida parece ter surgido no terço inicial deste tempo e há pouco tempo atrás — talvez uns 100 000 anos (quase ontem), a nossa espécie vem tentando se ‘adonar’ da ‘casa’.

Compartilhamos com o nosso planeta os mesmos elementos formantes de nosso organismo que acabou complementado e animado pela vida.

Estes elementos formadores — estocados ao longo da vida planetária — vêm sendo associados de forma fantástica em nossa composição e manutenção. Nossa constituição é extraordinariamente heterogenia; seja nos componentes, seja em suas proporções.

Nesta composição estão presentes de forma predominante, o Oxigênio, o Carbono, o Hidrogênio e o Nitrogênio que perfazem, aproximadamente, 95,2% da estrutura orgânica humana; outros elementos, como Cálcio, Fósforo, Potássio, Sódio, Cloro, Magnésio, Enxofre e Ferro têm participações míni-

mas, mas imprescindíveis. Também encontramos oligoelementos, como Cromo, Cobalto, Cobre, Iodo, Manganês, Molibdênio, Selênio, Silício, Zinco; e, por fim os denominados, elementos traços: Boro, Estrôncio, Flúor, Germânio, Lítio, Vanádio, Zircônio; totalizando 28 elementos presentes em nossa composição.



Se a natureza astronômica e atômica iniciais — com suas energias básicas: gravitacional, eletromagnética, nuclear fraca e nuclear forte — conseguiram esculpir o Universo, do qual a Terra é uma das obras de arte; podemos completar di-

zendo que a natureza terrestre, com as mesmas forças enumeradas, fez um esmerado trabalho operativo – muito mais complexo que o necessário para a elaboração das colunas coríntias ou do leve, iluminado e maravilhoso estilo gótico - para esculpir o corpo humano. Para todos estes elementos se encontrarem foi necessário um conjunto de eventos capazes de separá-los no ambiente primário e recompô-los em nossa estrutura.

Os elementos gasosos, majoritariamente representados em nosso organismo — oxigênio, hidrogênio e nitrogênio — tem uma movimentação garantida pelas correntes aéreas, resultado das modificações pressóricas e de temperatura em nossa atmosfera; sendo levados para cima ou para baixo onde acabam sendo utilizados pela flora e fauna; em nosso organismo compõem diferentes substâncias orgânicas que possibilitam o citado acabamento artísticos da biologia.

Dentre os minerais, a maioria encontra-se na intimidade de pétreos compostos, os quais precisaram ser manuseados por forças — por vezes descomunais — como as vulcânicas ou dos terremotos — para conseguirem libertá-los de suas ligações rochosas, possibilitando novas associações como os óxidos, hidróxidos, isto é, onde os gases oxigênio e hidrogênio

organizam-se como elementos metálicos (de alumínio, de cálcio, de ferro, de magnésio, de silício, de sódio) —; também puderam ser organizados em compostos passíveis de precipitação ou dissolução — como os carbonatados —, quando então, em novo veículo, a água, podem percorrer distâncias inimagináveis para as colossais e pesadas montanhas; estas viagens prolongaram-se pelas águas profundas ou mantiveram-se nas superficiais; mas também puderam deixar o meio líquido e voltar ao elemento sólido das margens e alguns, ainda vaporizam-se ciclicamente.

Entre as estruturas compostas por estes elementos sólidos podemos exemplificar com o arenito que, praticamente, é Silício (Si); já o calcáreo ou os compostos marmóreos são fontes de Cálcio (Ca) e Magnésio (Mg); do granito podemos obter Potássio (K), Sódio (Na), Alumínio (Al) — além de Urânio (U) e Tório (Th) elementos de outro naipe. Interessante considerar o resultado do vulcanismo, em cujas rochas podemos nos deparar com uma biblioteca química: Ferro (Fe), Cobre (Cu), Selênio (Se), Molibdênio (Mo) e, novamente, Fósforo (P), Cálcio (Ca) e Magnésio (Mg).

A distribuição irregular destes elementos confere aos

diferentes continentes, países, áreas locais composições e propriedades características únicas com maior ou menor potencial de utilização na produção dos elementos vivos vegetais ou animais.

Assim, para não alongar muito mais estas considerações químicas, a natureza ‘operativamente’ possibilitou o desenvolvimento da vida; que no caso animal, — do homem -, necessita da maioria dos diferentes elementos acima elencados e os encontra com maior ou menor facilidade na composição planetária, tornando a faculdade de estar ‘vivo’ mais ou menos fácil, isto é, salutar e adequada (em alguns endereços) ou patogênica e carencial (em outros).

A obra ‘operativa’ necessitava da peça básica — a pedra bruta adaptada aos diferentes ambientes das Notre Dames; que no caso do organismo vivo — *o homem em vista* — as diferentes ‘células’ adaptadas a cada ambiente orgânico, possibilitaram o desenvolvimento de diferentes funções: estruturantes, absorptivas, respiratória, transformadoras, energéticas, eliminatórias.

Também no âmbito ‘operativo’-vital os elementos necessários facilitaram o desenvolvimento do organismo vivo — *o homem em vista* —, ou exigindo as correções necessárias que a evolução, a biologia e a medicina têm buscado conhecer para melhor corrigir; parece vislumbrarem um caminho em meio aos elementos químicos diversamente distribuídos nos diferentes órgãos e aparelhos, mas, igualmente, nos diferentes quadrantes e fusos!

Paralelamente, a fase Operativa do desenvolvimento maçônico aconteceu associada com a criação do estilo gótico, concretizada no período em que a Europa vivia a estruturação e organização do trabalho. Desenvolviam-se as normas do “como fazer”, “por quem devia ser feito” e “o que deveria ser usado em cada atividade”; nem todos podiam desempenhar qualquer atividade. O conhecimento era mais concreto, material e básico: era *manual*, Idade Média.

Além de construir a estrutura biológica — a catedral viva —, a natureza também desenvolveu a capacidade neurológica e mental — a decoração interna, a obra de arte por excelência — em seu momento, capacidade e fase ‘especulativa’.

O momento ímpar, o ponto fora da curva, foi a possibilidade do pensamento, do raciocínio, do sentimento; aqui houve uma ação além da simplicidade ‘operativa’; nos referimos ao *modus operandi* ‘especulativo’ e além...

Igualmente, a fase Especulativa da Maçonaria pautou-se na liberdade de pensamento veiculada pelo racionalismo e pelo empirismo — extensões do Renascimento, semente do Iluminismo — enfrentando o conformismo da filosofia religiosa da patrística e da escolástica, desenvolveu novas maneiras para o ‘pensar’ e libertou o ‘sentir’ — no viver e no saber o que estava fazendo e sentindo. O conhecimento era mais inovador, fluido, amplo, interno: *mental*, Idade Moderna.

Tanto quanto os terrenos apresentam composições distintas, facilitando ou não, a produção segundo a necessidade de cada elemento vivo (espécies vegetais e animais); a observação possibilitou identificar esta necessidade e as devidas correções para uma melhor produtividade.

Paralelamente a este aspecto mais bio-corporal — mais físico —, precisamos considerar o lado neurológico, emocio-

nal, vivencial que também vai se formar a partir de um ‘terreno’, isto é, das experiências emocionais, vivenciais, psicológicas. Os ‘terrenos’ são muito diferentes e a ‘nutrição’ também resulta diferente para cada indivíduo que agrega ao puramente ‘físico-operativo’ um ‘psico-especulativo’ que pode ser facilitado ou dificultado em cada ambiente e momento ocupado e vivido pelo homem ao longo do seu desenvolvimento.

Podemos entender a Maçonaria como um empreendimento para adequar os diferentes irmãos ao melhor ambiente para que suas características e potencialidades venham a ser desenvolvidas a partir de suas experiências e vivências; é a “correção do terreno” para a devida produtividade. Enquanto companheiros precisamos estar atentos às necessidades de cada irmão ao nosso lado para que não percamos a oportunidade de potencializar as suas capacidades e vivenciar o resultado desta experiência única que a Maçonaria nos proporciona.

Precisamos estar cientes da capacidade que temos em mãos para que, facilitando o potencial dos demais irmãos, tenhamos um resultado multiplicador e não apenas, somatório.

Que a nossa ‘natureza’ seja capaz de realizar o que a

‘natureza’ ao nosso redor sempre realizou e ainda realiza, afinal estamos onde deveríamos estar — não conhecemos vida em outro lugar -, para alcançar o resultado que somos capazes — mecânicos ou mentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A natureza encontrou seu caminho em longa jornada; a vida encontrou uma oportunidade de brilhar esta jornada! Os eventos não foram simples, muitos desafios foram superados seja no âmbito estruturador da natureza, seja na viva decoração.

A jornada do homem também está repleta de ganhos mínimos cujas consequências acabaram sendo impensáveis: as proto-bactérias não intuíram concretizar os mamíferos; o *australopiteco* não intuiu no *homo sapiens*; o homem analfabeto enfrentou os seus desafios e estamos aqui!

A Idade Média apresentou oportunidades que foram aproveitadas e o homem organizou o trabalho, entre os quais

os da alvenaria/arquitetura que aceitou novas ideias para vencer as barreiras medievais. Estas barreiras foram vencidas e harmonizadas.

O ambiente de hoje exige disponibilidade, intuição e visão adequadas ao século XXI, Idade Contemporânea, conhecimentos alcançados; não mais uma Maçonaria Operativa, não mais uma Maçonaria Especulativa... mais do que isso, uma Maçonaria Executiva ou Corporativa.

Certo é que novas dificuldades nos cercam, seja no âmbito global, seja no âmbito local e até mesmo pessoal, e assim como nossos irmãos operativos e especulativos encontraram as soluções em seu tempo, nós também devemos encontrar as soluções necessárias no aqui e agora — superar o ‘xeque’ encontrado neste desafio de força e habilidade, para não vivenciarmos um ‘xeque-mate’.

É o nosso tempo, é a nossa vez.

Maçonaria, sem dúvida, é assunto sério; mais ainda quando diante de alguma dificuldade.

P.S.1 O Lítio é o elemento que guarda inúmeras qualidades maçônicas: número atômico (N) é 3; o número de massa (M) é 7; o peso atômico (P) é 3, um dos poucos formados no Big Bang, ao lado do Hidrogênio e do Hélio; historicamente foi descoberta na petalita, em 1800, por José Bonifácio de Andrade e Silva, o primeiro Grão-mestre do Grande Oriente Brasileiro de 1822, que possibilitou a descrição (Johan August Arfwedson, 1817) e o isolamento (em W.T. Brande e Sir Humphry Davy, 1821) obtiveram o elemento isolado via eletrólise de óxido de lítio.

P.S.2 – Itens de avaliação da potabilidade da água conforme PORTARIA GM/MS Nº 888, DE 4 DE MAIO DE 2021¹⁵⁷.

**TABELA DE PADRÃO DE POTABILIDADE PARA
SUBSTÂNCIAS QUÍMICAS INORGÂNICAS QUE
REPRESENTAM RISCO À SAÚDE**

Parâmetro	CAS ¹⁵⁸	Unidade	VMP
Antimônio	7440-36-0	mg/L	0,006
Arsênio	7440-38-2	mg/L	0,01
Bário	7440-39-3	mg/L	0,7
Cádmio	7440-43-9	mg/L	0,003
Chumbo	7439-92-1	mg/L	0,01
Cobre	7440-50-8	mg/L	2

¹⁵⁷ BRASIL. Diário Oficial da União, Brasília, DF, nº 85, Seção 1, p. 127, 7 maio 2021.

¹⁵⁸ CAS é o número de referência de compostos e substâncias químicas adotado pelo Chemical Abstract Service.

Cromo	7440-47-3	mg/L	0,05
Fluoreto	7782-41-4	mg/L	1,5
Mercúrio Total	7439-97-6	mg/L	0,001
Níquel	7440-02-0	mg/L	0,07
Nitrato	14797-55-8	mg/L	10
Nitrito	14797-65-0	mg/L	1
Selênio	7782-49-2	mg/L	0,04
Urânio	7440-61-1	mg/L	0,03

Outro exemplo de medida básica da micro-composição da água que citamos é da região rural catarinense, onde foram medidos — ao lado dos aspectos biológicos (*E. coli*)¹⁵⁹:

pH 7,0 a 7,37 os elementos Ferro, Fósforo e Nitrogênio.

Constata-se que a água potável apresenta micro-composição de elementos químicos que variam amplamente entre diferentes regiões; esta variabilidade explica que diferentes populações tenham suplência ou défices destes compostos, aspecto já salientado pelos epidemiologistas do século XIX e XX.

¹⁵⁹ GENÉTICA LABS. Genética Labs. São Paulo, abr. 2023.

CONSIDERAÇÕES GERAIS:

1. Avaliação da potabilidade confirmada pelos parâmetros — biológicos (coliformes/E.coli; cistos de *Giardia* spp. e oocistos de *Cryptosporidium* spp.); físico-químico: turbidez (cujo valor máximo pontual é de 1,0 uT).
2. A desinfecção de águas superficiais é realizada por meio da cloração, cloraminação, da aplicação de dióxido de cloro ou de isocianuratos clorados.
3. A potabilidade da água, do ponto de vista radiológico, são os valores de concentração de atividade que não excedam 0,5 Bq/L para atividade alfa total e 1,0 Bq/L para beta total.
4. A água potável deve estar em conformidade com o padrão organoléptico¹⁶⁰ de Potabilidade.
5. Os elementos frequentes na água, como ferro e manga-

¹⁶⁰ Organolépticas são as propriedades características de uma substância discriminada pelos órgãos dos sentidos: sabor, odor, cor/brilho, textura.

nês, têm concentrações definidas que não devem ultrapassem 2,4 e 0,4 mg/L, respectivamente.

6. A soma das razões das concentrações de nitrito e nitrato e seus respectivos Valores Máximos Permitidos (VMP) são definidos.
7. Monitoramento para identificação e contagem de células de cianobactérias, limite de contagem de células de cianobactérias menor ou igual a 10.000 células/mL; em complementação deve ser realizada monitoração de clorofila-A no manancial, não devendo haver concentração, da mesma, é igual ou superior a 10 µg/L.
8. A água “potável” pode apresentar alguns componentes elementares ou químicos (não mencionados neste trabalho) e estar adequada para o consumo; estes componentes, com suas margens de segurança, tem presença e concentrações diversas relacionadas com o endereço geográfico dos aquíferos e fontes. A água pura não é tão pura mesmo sendo própria para o consumo!

CAPÍTULO 5: FOGO

FOGO/CALOR E A MAÇONARIA¹⁶¹

INTRODUÇÃO CONCEITUAL

Fogo é o desprendimento de calor e luz produzidos pela combustão de um corpo, secundariamente, à uma reação química — exotérmica — de oxidação, onde, portanto, o ingrediente ou participante principal é o oxigênio.

Nesta definição é possível identificar três elementos básicos da queima:

- a) um *combustível*¹⁶², isto é, o material que será queimado, transformado, destruído;

¹⁶¹ CICHOSKI, L. V. Fogo/Calor e a Maçonaria. Disponível em: <https://www.maconariacomexcelencia.com/post/fogo-calor-e-a-maconaria>.

¹⁶² Exemplos de combustíveis são inúmeros: o carvão, o biodiesel e o biogás, o etanol, o hidrogênio.

- b) um *comburente*¹⁶³, isto é, o elemento que vai propiciar o ambiente químico favorável para a ocorrência da queima; no caso mais comum, como dito acima, o comburente mais frequente é o oxigênio;
- c) o início desta reação, o gatilho, é proporcionado pela energia térmica ou *calor*, calor que estava estocado, guardado nos elementos componentes do combustível e que pode ser transmitida — condução térmica — entre os corpos (interssubstancial); exemplificado no calor gerado pelo atrito entre duas superfícies em movimento ativo e vigoroso ou no atrito do palito de fósforo que ascende o clorato de potássio que é o combustível inicial (depois a própria madeira do palito) e como comburente o oxigênio do ar ambiente.

No seio da teoria grega dos quatro elementos¹⁶⁴ a água¹⁶⁵ (Tales de Mileto/620-555 a.C.), o ar (Anaxímenes de

¹⁶³ Exemplos de outros comburentes além do oxigênio seriam: o bromo, chama verde; o cloro, chama azul; o enxofre, chama amarela.

¹⁶⁴ CICHOSKI, L. V. Fundamentos da Filosofia Maçônica. Vo. 1. Curitiba: A Trolha, 2018.

¹⁶⁵ CICHOSKI, L. V.; CARNIEL, A. A Natureza Como Primeiro Maçom

Mileto/588/524 a.C.) e fogo (Heráclito, de Éfeso/540-476 a.C.) e a Terra¹⁶⁶ (Xenófanos de Cólofon/570-475 a.C.). Quatro elementos estes que mantinham distribuições diferentes¹⁶⁷ conforme Anaximandro de Mileto (610-546 a.C.) Quatro elementos estes que, em proporções diferentes, compõem tudo que existe como proposto por Empédocles de Agrigento/490-430 a.C.; também Aristóteles/384-322 a.C. defendeu a ação conjunta dos quatro elementos no *Timeu*¹⁶⁸.

O fogo já foi descrito como composto pelo *flogisto* (denominação para algo que não se conhecia e entendia naquele momento da história das ciências); a partir do século XVIII sabemos que o oxigênio (o comburente) é o melhor representante para este '*flogisto*'. A reação de combustão(fogo) libera

Operativo. Disponível em:
<https://www.maconariacomexcelencia.com/post/a-natureza-como-primeiro-macom-operativo>.

¹⁶⁶ CICHOSKI, L. V. Do Pó ao Pó. Revista A Trolha, nº 449, mar. 2024.

¹⁶⁷ Anaximandro (610 -546 a.C.) descreveu o *apeiron* (o elemento infinito) que compunha tudo em diferentes proporções e posições: isto é, de acordo com o maior ou menor peso dos elementos componentes: no centro, a terra (o elemento mais pesado); cobrindo-a, a água, e recobrindo tudo, o ar e o fogo.

¹⁶⁸ As propostas gregas foram além dos quatro elementos: Pitágoras/570-497 a.C. e os números; Anaxágoras/500-428 a.C. e Demócrito/460-370 a.C., o átomo.

calor e luz; a parte luminosa é uma fração do espectro eletromagnético que varia do (infra)vermelho ao ultra violeta(azul), as cores que o fogo assume no consumo de diferentes combustíveis, por exemplo, a madeira ou o gás. Estas cores representam diferentes comprimentos de ondas (eletromagnéticas) compostas pelos fótons (elemento que se comporta como partícula ou onda). A ciência relata uma busca constante de equilíbrio que, no caso do fogo, é estudado e descrito pela termodinâmica.

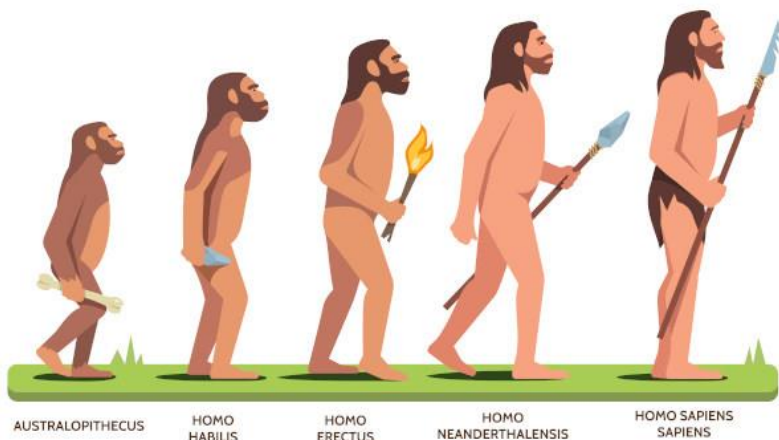
Temperatura, denominação dada à grandeza térmica que afeta os átomos que podem diminuir a sua agitação com o resfriamento (diminuição da temperatura) — intrasubstancial — e, complementarmente, podem aumentar a sua agitação com maiores temperaturas (aumento da temperatura). Dizendo de outra forma:

Temperatura é uma medida termodinâmica para o movimento de oscilação realizado por átomos e moléculas de um corpo. De uma forma sensorial podemos dizer que a temperatura é percebida como as sensações – que nosso sistema nervoso é capaz de perceber e diferenciar - como quente ou frio,

e enunciada por meio de um grande número de escalas termométricas e aferidas instrumentalmente, isto é, por termômetros.

Todo corpo com temperatura acima do zero absoluto emite radiação — esta emissão energética é um elemento do grupo da energia eletromagnética; dependendo da massa do corpo podemos medir emissões discretas — nosso corpo vivo emite calor de forma constante e controlada (somos homeotérmicos) — trabalho e movimento das células e seus componentes(diferentes elementos e moléculas) — medido pela temperatura que é referendada por uma escala de normalidade, temperatura esta que deve ser diferenciada quando interna(maior) que a externa(menor). Corpos maciços emitem calor a partir da própria combustão, as estrelas.

Uma grande conquista na história evolutiva do homem foi o controle do fogo, evento da lavra do *homo Erectus*, que nos antecedeu ao redor de 1,7 a 1,8 milhão de anos atrás.



O FOGO E A MAÇONARIA

O domínio do fogo permitiu que o homem desenvolvesse instrumentos, alimentos e arte¹⁶⁹.

A presença do fogo na história do homem aparece em diferentes referências, como na Bíblia – relacionada com a Igreja que empregava os maçons operativos na Idade Média –, onde são mais de trezentas as menções utilizadas, quer no antigo como no novo testamento.

A primeira delas consubstancia-se na apresentação da

¹⁶⁹ ASIMOV, I. Cronologia das Ciências e das Descobertas. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

espada flamejante que expulsa o casal original do paraíso para uma peregrinação, desafios e conquistas no mundo e na vida (Gen 3, 24)¹⁷⁰:

“Assim ele expulsou o homem, e colocou no leste do jardim do Éden querubins, e uma espada flamejante, que se voltava a todos os lados para guardar o caminho para a árvore da vida”.

A última citação bíblica está em Apocalipse 21, 8: “Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos que se prostituem, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte.”

A primeira menção é simbolizante do poder do Criador e foi entendida, absorvida e aproveitada pela Instituição em momentos marcantes das Iniciações; a última menção é o final de um julgamento — a pena — que deverá ser encontrada pelos mencionados por João, o apóstolo.

Nossa visão cronológica aponta uma Maçonaria Operativa desenvolvida e funcionante no período da Idade Média – na passagem da alta idade média para a baixa idade média

¹⁷⁰ BÍBLIA SAGRADA. Versão Rei James. Autorizada em 1611. São Paulo: No Esquadro, 2022.

(ao redor do ano 1000; momento da Parúsia¹⁷¹) —, isto é, paralelamente com o desenvolvimento do estilo gótico de construção — 1137, Saint Denis/Paris/França¹⁷².

A presença do fogo no preparo das ferramentas de trabalho e na aplicação ao material básico utilizado nas construções – ferramentas metálicas, vidros, armações — foi fundamental. A justiça se valia do fogo para execução de penas — Jacques DeMolay (1314) e Joana D’Arc (1431) são exemplos; vivia-se um momento de plena autoridade religiosa na Europa, exemplificado na Inquisição e suas normas, *Malleus Maleficarum* (O Martelo das Feiticeiras), 1484¹⁷³.

A relação do fogo com a Maçonaria evoluiu de um elemento de trabalho operativo para um símbolo maçônico especulativo; o maçom operativo gótico-medieval dominou o uso deste elemento nas construções enquanto o maçom especula-

¹⁷¹ Parúsia, denomina para a segunda vinda do Cristo, no final do primeiro milênio, período de muitas incertezas e dúvidas que foi superada e, de certa forma, estimulou as Cruzadas e o próprio estilo gótico.

¹⁷² CICHOSKI, L. V. Cronologium. In: *Grandes Pensadores da Humanidade e o Rito Moderno*. Vol. II. Curitiba: [s.n.], 2020.

¹⁷³ CICHOSKI, L. V.; STULP, J. *Fundamentos Maçônicos: Cristianismo na Idade Média*. Inédito.

tivo ou executivo moderno vale-se do poder e força da sua representatividade para orientar e formar a modelagem do ‘ser maçom’.

Simbólica e especulativamente podemos referendar algumas menções ao fogo:

- a) J. Chevalier & A. Greerbrant¹⁷⁴ reconhecem a importância e o simbolismo do fogo presentes em todas as culturas — Ocidentais e Orientais —; presente nos ritos iniciáticos — crematórios ou não — com o sentido de purificação. Observar como um mote de reflexão que, paradoxalmente, apesar de seu poder destruidor o fogo tudo transforma e tudo se transforma em fogo, teria sido — pergunto agora — tal enigma contraditório o impulsionador do pensamento grego, de Heráclito, Empédocles e Aristóteles, na seleção deste fenômeno como um dos quatro elementos básicos?

- b) Mackey¹⁷⁵, em sua Enciclopédia, lembra da presença e

¹⁷⁴ CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Dicionário de Símbolos. 2ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

¹⁷⁵ MACKEY, A. G. Enciclopedia de la Francmasonería. Vol. II. Barcelona: Grijalbo, 1874.

simbolismo do fogo no âmbito das religiões; também cita os pilares de fogo e a ‘purificação pelo fogo’.

- c) Abrines¹⁷⁶ reconhece que “o fogo é um elemento que, tanto no estado natural como na forma de símbolo, tem presença nas cerimônias maçônicas representando, por vezes a purificação e, em outras simboliza o fervor e o zelo dos maçons”.
- d) Aslan¹⁷⁷ referenda o quarto elemento como ‘o mais útil, princípio ativo, germe e origem da geração, o mais puro, animador e macho e fonte de energia’.
- e) L. V. Cichoski¹⁷⁸: Não parece haver dúvidas sobre o papel purificador do fogo na intimidade de sua simbolização; entre os quatro elementos essenciais dos gregos, o fogo é o único energético — energia eletromagnética — com potencial intrínseco real.

¹⁷⁶ ABRINES, L. F. Diccionario Enciclopédico Abreviado de la Masonería. Madrid: Compañía General de Ediciones, 1955.

¹⁷⁷ ASLAN, N. Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia. Vol. II. 2ª Edição. Curitiba: A Trolha, 2000.

¹⁷⁸ CICHOSKI, L. V. Fundamentos do Simbolismo Maçônico. Vol. II. Curitiba: A Trolha, 2016.

No ritualismo e simbolismo do Rito Escocês Antigo e Aceito encontramos o fogo nas velas presentes na Loja e no seu uso em diferentes sessões e momentos; o ponto culminante está na prova do fogo e na espada flamígera — Iniciação.

No período operativo as Lojas cuidavam da execução da obra que, sendo uma Catedral/Notre Dame, mantinha uma atividade continua secular; grande número de operários eram de maçons em casa, isto é, não precisavam sair para trabalhar. Dificilmente duas Lojas para a mesma construção. Eram maçons livres em suas Lojas livres. O fogo — concreto e quente — era iniciado, mantido e cuidado localmente.

O fogo das Lojas especulativas, entendido simbolicamente, também pode ser relacionado com a dinâmica de cada Loja. Existem Lojas com dinâmicas próprias e diferentes cuja observação permite o reconhecimento de um ‘calor local’ interno, autóctone, proporcional e caracterizador de cada grupo maçônico. Existem Lojas de maior trabalho interno, — instrucional, formativo — e, outras com uma visão prioritariamente social, externa, — ‘executiva ou corporativa’, nosso desafio atual.

Por fim, sintetizando, a força, dinâmica, temperatura ou termodinâmica de cada Maçom faz a diferença e determina a força, dinâmica, temperatura ou termodinâmica da Loja; pois cada Maçom traz a fagulha (as ideias e propostas) — o atrito iniciador da ignição do combustível, complementado pelo comburente (o oxigênio) disponível em cada Loja e que determinará a agilidade, produtividade e calor — a termodinâmica — de cada Loja. O somatório da força e energia dos obreiros de cada Loja determina o nível ‘termodinâmico’ de cada Loja e o conjunto total desta energia determinará a cinética, a ação, a realização ou ‘termodinâmica’ da Potência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aventura prodigalizada pelos Quatro Elementos é um exemplo do empenho e grandeza do nosso pensar. Viajamos de elementos ‘sublunares’ para uma quase teoria de tudo; nos embrenhamos em veredas da matéria-energia nunca dantes imaginada!

A dinâmica intra-atômica, atômica e molecular permite

reconhecer presente nos compostos químicos e nas estruturas vivas a existência de um ‘fogo’ próprio da atividade dos elementos componentes, reconhecidos nas Forças Nucleares Forte e Fraca; os seres vivos produzem uma atividade térmica própria resultante da atividade molecular e reacional – eletroquímica - que compõem o espectro da energia eletromagnética. Assim, diferentemente dos outros três elementos básicos gregos — a Terra, a Água e o Ar — que possuem componente sólido, o Fogo é energia.

Manter a atividade regular e dentro de um equilíbrio atômico, molecular, estrutural e organizacional, é o objetivo equalizador e mantenedor do mundo conhecido que, em algum momento, pode ser alterado por desdobramentos, os mais espetaculares, provocando o aparecimento de íons, mutações, malformações, colapsos estelares, buracos negros...

Maçonicamente não é diferente, precisamos estar atentos quando das modificações nos níveis ‘termodinâmicos’ de nosso entusiasmo maçônico; da ‘temperatura’ de funcionamento das Lojas e Potências, evitando os fenômenos dispersíveis e destruidores que a maioria de nós já acompanhou e tes-

temunhou – as explosões estelares ou o aparecimento dos buracos negros de irmãos, Lojas e Potências (a História que o diga!). Necessário que a ‘amplitude térmica’ se mantenha entre o ‘*infravermelho e o ultravioleta*’ para o bom e correto funcionamento da estrutura maçônica; para tanto o ‘foguista’ deve manter ativa a tolerância maçônica, uma habilidade ímpar, nem sempre presente, mas altamente necessário para que o tecido maçônico receba nossa atenção e cuidado, visto ser composto significativo para o nosso crescimento e desenvolvimento e da sociedade que nos envolve.

Verdade que ainda carecemos de um esclarecimento mais adequado para o uso do termo ‘energia’ e ‘quântico’, termos que foram sendo desfigurados de seus contextos originais e ganharam contornos que aumentam a dificuldade de um esclarecimento, pois somos, diariamente, apresentados para um número estratosféricos de diferentes energias, quando as reconhecidas são apenas quatro: gravitacional, eletromagnética, nuclear fraca e nuclear forte.

A mutação sofrida pelo termo ‘quântico’ parece ser ainda pior! Somos inundados pelas mais bizarras associações do termo: salto quântico de vida, consultoria quântica, curas

quânticas, sem falar nos mais diversos itens da vida diária de sobrenome quântico¹⁷⁹.

Ao lado do zelo para com os pensamentos que nos antecederam — desde a primeira letra ou caractere cuneiforme — também é da missão maçônica a verdade, seja na História, na Filosofia, na Ritualística, na Simbologia, mas também na Ciência que nos envolve e permite um encontro como este! Cada vez mais convencido e certo que Maçonaria é assunto sério.

¹⁷⁹ CICHOSKI, L. V. Conceitos Maçônicos e Física Quântica. Porto Velho: Maçonaria com Excelência, 2025.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
2. ABRAMSON, M.; GUREVITCH, A.; LOLENSNITSKI, N. História da Idade Média. Vol. 1. Lisboa: Estampa, 1978.
3. ABRINES, L. F. Diccionario Enciclopédico Abreviado de la Masonería. Madrid: Compañía General de Ediciones, 1955.
4. APULEIO. O Burro de Ouro. Lisboa: Estampa, 1978.
5. ARENS, E. A Bíblia Sem Mitos: Uma Introdução Crítica. São Paulo: Paulus, 2007.
6. ASIMOV, I. Cronologia das Ciências e das Descobertas. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
7. ASIMOV, I. Guia de la Biblia: Antiguo Testamento. Barcelona: Laia, 1985.
8. ASLAN, N. Grande Dicionário Enciclopédico de Maçonaria e Simbologia. Vol. II. 2ª Edição. Curitiba: A Trolha, 2000.
9. ASLAN, N. Landmarques e Outros Problemas Maçônicos. 2ª Edição. São Paulo: Aurora, 1973.
10. ATTENBOROUGH, D. A Vida na Terra. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.
11. BALETA, M. E. Orígenes. Edição do autor, 2013.

12. BAUER, J. B. Dicionário de Teologia Bíblica. Vol. 1. São Paulo: Loyola, 1979.
13. BBC NEWS BRASIL. Por que a Pandemia Pode Mudar a Forma Como Vivemos. 8 set. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-5401730>.
14. BERTELLOT, J. La Franc-Maçonnerie Devant L’histoire. Paris: Monde Nouveau, 1949.
15. BÍBLIA CATÓLICA ONLINE. Vulgata Latina vs Bíblia Ave Maria: Liber Genesis, cap. 3. Disponível em: <https://www.bibliacatolica.com.br/vulgata-latina-vs-biblia-ave-maria/liber-genesis/3/>.
16. BÍBLIA KING JAMES ATUALIZADA. Gênesis 3. Disponível em: <https://bibliaportugues.com/kja/genesis/3.htm>.
17. BÍBLIA KING JAMES FIEL 1611. Gênesis 3:19. Disponível em: <https://bkjfiel.com.br/genesis-3-19/>.
18. BÍBLIA Sagrada. Tradução dos Monges de Maredsous. 22ª edição. São Paulo: Ave Maria, 1976.
19. BÍBLIA Sagrada. Tradução dos Monges de Maredsous. 37ª edição. São Paulo: Ave Maria, 1982.
20. BÍBLIA SAGRADA. Versão Rei James. Autorizada em 1611. São Paulo: No Esquadro, 2022.
21. BIBLIATODO. Bíblia versão católica: Gênesis 3:19. Disponível em: <https://www.bibliatodo.com/pt/biblia/versao-catolica/genesis-3-19>.
22. BRAIDWOOD, R. J. Homens Pré-históricos. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.
23. BRASIL. Diário Oficial da União, Brasília, DF, nº 85, Seção 1, p. 127, 7 maio 2021.

24. BRISSON, P. Histoire du Travail et des Travailleurs. Paris: Librairie Ch. Delagrave, 1909.
25. BRUNNING, A.; et al. O Livro da Química. São Paulo: Globo Livros, 2022.
26. BUCKLAND, A. R. Dicionário Bíblico Universal. São Paulo: Vida, 1981.
27. BUYST, I. O Segredo dos Ritos. São Paulo: Paulinas, 2011.
28. BUYST, I. Símbolo na liturgia. 3ª Edição. São Paulo: Paulinas, 2000.
29. CHESTER, M. Partículas: Introdução à Física de Partículas. Lisboa: Artenova, 1979.
30. CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Dicionário de Símbolos. 2ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
31. CICHOSKI, L. V. A Iniciação Como um Rito de Passagem. O Prumo, n. 207, jan./fev. 2013.
32. CICHOSKI, L. V. Conceitos Maçônicos e Física Quântica. Porto Velho: Maçonaria com Excelência, 2025.
33. CICHOSKI, L. V. Cronologium. In: Grandes Pensadores da Humanidade e o Rito Moderno. Vol. II. Curitiba: [s.n.], 2020.
34. CICHOSKI, L. V. Do Pó ao Pó. Revista A Trolha, nº 449, mar. 2024.
35. CICHOSKI, L. V. Do Pó e ao Pó: Poeira de Estrelas. Disponível em: <https://www.maconariacomexcelencia.com/post/do-po-e-ao-po-poeira-de-estrelas>.
36. CICHOSKI, L. V. Fogo/Calor e a Maçonaria. Disponível em: <https://www.maconariacomexcelencia.com/post/fogo->

- calor-e-a-maconaria.
37. CICHOSKI, L. V. Fundamentos da Filosofia Maçônica. Vol. 1. Curitiba: A Trolha, 2018.
 38. CICHOSKI, L. V. Fundamentos da Iniciação. Curitiba: A Trolha, 2014.
 39. CICHOSKI, L. V. Fundamentos da Ritualística Maçônica. Curitiba: A Trolha, 2017.
 40. CICHOSKI, L. V. Fundamentos da Simbologia Maçônica. Curitiba: A Trolha, 2016.
 41. CICHOSKI, L. V. Fundamentos do Simbolismo Maçônico. Vol. II. Curitiba: A Trolha, 2016.
 42. CICHOSKI, L. V. Judaísmo e Cristianismo. 1ª parte. O Prumo, nº 223, set./out. 2015.
 43. CICHOSKI, L. V. Judaísmo e Cristianismo. 2ª parte. O Prumo, nº 224, nov./dez. 2015.
 44. CICHOSKI, L. V. O Livro da Lei. O Prumo, nº 212, nov./dez. 2013.
 45. CICHOSKI, L. V.; CARNIEL, A. A Natureza Como Primeiro Maçom Operativo. Disponível em: <https://www.maconariacomexcelencia.com/post/a-natureza-como-primeiro-macom-operativo>.
 46. CICHOSKI, L. V.; STULP, J. Fundamentos Maçônicos: Cristianismo na Idade Média. Inédito.
 47. CLEOFAS. As Sepulturas na Pré-história. Disponível em: <https://cleofas.com.br/as-sepulturas-na-pre-historia-eb/>.
 48. COULANGES, F. de. A Cidade Antiga. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
 49. DAVIES, P. Os Três Últimos Minutos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
 50. ELIADE, M. História das Crenças e das Ideias Religiosas.

- Vol. II. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
51. ELIADE, M. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 2004.
 52. ELIADE, M. Mitos, Sonhos e Mistérios. Lisboa: Edições 70, 1989.
 53. ELIADE, M. O Mito do Eterno Retorno. Lisboa: Edições 70, 1969.
 54. ELIADE, M. O sagrado e o Profano. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
 55. FEYNMAN, R. P. Deve ser Brincadeira, Sr. Feynman! Brasília: Universidade de Brasília, 2000.
 56. FEYNMAN, R. P. Física em Seis Lições. 3ª Edição. São Paulo: Companhia de Bolso, 1999.
 57. FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. A Bíblia Não Tinha razão. São Paulo: A Girafa, 2003.
 58. FRAZER, J. G. O Ramo Dourado. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
 59. GENÉTICA LABS. Genética Labs. São Paulo, abr. 2023.
 60. GENNEP, A. V. Os Ritos de Passagem. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2011.
 61. GLEISER, M. Criação Imperfeita. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2010.
 62. GRANDE ORIENTE DE SANTA CATARINA (GOSC). Rito Escocês Antigo e Aceito: Ritual de Iniciação. [S.l.]: GOSC, 2009.
 63. GRANDE ORIENTE DE SANTA CATARINA (GOSC). Rito Escocês Antigo e Aceito: Ritual de Iniciação. [S.l.]: GOSC, 2011.
 64. Guia dos Maçons Escoceses: Ritual GGL 1928. Disponível em: <http://oficina->

- reaa.org.br/v1/rituais/Ritual%20GGL%201928.pdf.
Acesso em: out. 2011.
65. Guia dos Maçons Escoceses, ou Reguladores dos Tres Grãos Symbolicos do Rito Antigo e Aceito. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e Cia, 1834.
 66. Guide des Maçons Écossais: Rite Écossais Ancien & Accepté. [S.l.]: Of.: Rest.: do R.:E.:A.:A.:, 1804.
 67. HAAF, G. A Origem da Humanidade. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
 68. HAAF, G. A Origem da Humanidade. São Paulo: Abril, 1979.
 69. HAWKING, S. W. Sonhos de Uma Teoria Final. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
 70. HAWKING, S. W. Uma Breve História do Tempo. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
 71. HOYLE, F. A Natureza do Universo. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.
 72. KELLER, W. ...e a Bíblia Tinha Razão. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
 73. KNOOP, D.; JONES, G. P. The Genesis of Freemasonry. Manchester: Manchester University Press, 1949.
 74. L'ORDRE des Francs-Maçons Trahi et le Secret des Mopses Révélé. Amsterdã: [s.n.], 1745.
 75. LALANDE, A. Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
 76. LANTOINE, A. La Franc-Maçonnerie Chez Elle. Paris: E. Nourry, 1925.
 77. LEAKEY, R. E. A Evolução da Humanidade. 2ª Edição. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.

78. LEAKEY, R. E. Origens. 2ª Edição. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.
79. LOCKE, J. Segundo Tratado Sobre o Governo. 1690. São Paulo: Martin Claret, 2002.
80. MACKEY, A. G. Enciclopedia de la Francmasonería. Vol. II. Barcelona: Grijalbo, 1874.
81. OLHAR DIGITAL. Qual é o Elemento Químico Mais Comum do Universo e o da Terra? 28 abr. 2023. Disponível em: <https://olharddigital.com.br/2023/04/28/ciencia-e-espaco/qual-e-o-elemento-quimico-mais-comum-do-universo-e-o-da-terra/>.
82. ORGEL, L. E. As Origens da Vida. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.
83. PERROY, E. A Idade Média. Vol. 1, 4ª Edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.
84. PERROY, E. A Idade Média. Vol. 2, 3ª Edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.
85. PIRES, J. da S. O Roteiro da Iniciação: de acordo com o Rito Escocês Antigo e Aceito. Curitiba: A Trolha, 2011.
86. PIRES, J. da S. Rituais Maçônicos Brasileiros. Curitiba: A Trolha, 1996.
87. REVISTA A TROLHA. Publicado na Revista A Trolha, nº 449, mar. 2024.
88. Ritual da GLL, 1928, pdf
89. Ritual da Grande Loja (GLL), 1928. [S.l.]: [s.n.], 1928. Disponível em: arquivo em formato PDF.
90. S. C. Ujvari. A História da Humanidade contada pelos Virus, Ed. Contexto, 2ª. Ed. 2021.
91. SAGAN, C. Bilhões e Bilhões. São Paulo: Companhia de

- Bolso, 1997.
92. SAGAN, C. O Mundo Assombrado Pelos Demônios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
93. SAGAN, C. Um Pálido Ponto Azul. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
94. SAGAN, C. Variedades da Experiência Científica. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
95. SANTOS, J. B. R. Dicionário Bíblico. São Paulo: Editora Didática Paulista, 2006.
96. SILK, J. O Big Bang: A Origem do Universo. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.
97. SILVA, M. C. da. A Realeza Cristã na Alta Idade Média. São Paulo: Alameda, 2008.
98. SIMON, J. Rituel des Trois Premiers Degrés: selon les anciens cahiers 5829. 2ª Edição. Paris: La Hutte, 2010.
99. SPENCER, H. Origen de las Profesiones. Valencia: F. Sempere y Cia, Editores, 1909.
100. SUPERINTERESSANTE. Como é Feita a Cremação de Cadáveres. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-e-feita-a-cremacao-de-cadaveres>.
101. THOMAS, L. As Vidas de Uma Célula. São Paulo: Brasiliense, 1976.
102. TURNER, V. O Processo Ritual. Petrópolis: Vozes, 1974.
103. UJVARI, S. C. A História da Humanidade Contada Pelos Vírus. 2ª Edição. São Paulo: Contexto, 2021.
104. UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Equipe de Pesquisadores da UFV Contribui Para Desenvolvimento de Urnas Ecológicas. Disponível em: <https://www2.dti.ufv.br/noticias/scripts/exibeNoticiaMult>

- i.php?codNot=32939&link=corpo#:~:text=Segundo%20o%20pesquisador%20da%20UFV,por%20C%C3%A1lci
o%2C%20F%C3%B3sforo%20e%20Pot%C3%A1ssio.
105. VIRGÍLIO, Eneida. São Paulo: Círculo do Livro, 1982.
106. WEINBERG, S. Os Três Primeiros Minutos do Universo. Lisboa: Gradiva, 1987.
107. WIKIPÉDIA. Cremação. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Crema%C3%A7%C3%A3o>.
108. ZOCCOLI, H. Museu Maçônico Paranaense. Disponível em: <http://www.museumaconicoparanaense.com>.
109. ZUGNO, Z. Antídoto Apocalíptico: 150 Provas Científicas da Existência de Deus. 4ª Edição. 2015.

SOBRE O AUTOR



Luiz V. Cichoski é médico clínico geral e especialista em Medicina do Trabalho, formado em 1981; Mestre Instalado da ARBLS Templários da Liberdade nº 69, Pinhalzinho/SC (GOSC), e da ARLS Livres Telúricos nº 121, Maravilha/SC (GOSC). É membro da Academia Maçônica Virtual Brasileira de Letras (AMVBL), cadeira nº 31, patrono Octacílio Schuler Sobrinho, e da Academia Maçônica de Ciências, Letras e Artes (AMCLA), cadeira nº 25, patrono Raimundo Rodrigues. Secretário de Ritualística do REAA e Secretário de História e Cultura do GOSC. É colaborador da revista maçônica O

Prumo e membro de seu Conselho Editorial. Também integra o Supremo Grande Capítulo dos Maçons da Ordem do Santo Real Arco de Jerusalém do Estado de Santa Catarina e o Capítulo dos Maçons da Ordem dos Templários do Oeste nº 5, em Chapecó/SC.